

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

DANIELA ALEXANDRE FERREIRA

**MÃES DE JOELHOS, FILHOS DE PÉ: O TERÇO DE SANTA MÔNICA DA  
COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, A RELIGIÃO, O “MOMENTO  
NOSSO” E A “AJUDA”**

JUIZ DE FORA

2019

DANIELA ALEXANDRE FERREIRA

**MÃES DE JOELHOS, FILHOS DE PÉ: O TERÇO DE SANTA MÔNICA DA  
COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, A RELIGIÃO, “O MOMENTO  
NOSSO” E A “AJUDA”**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora para obtenção de do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Doutor Luzimar Paulo Pereira

JUIZ DE FORA

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática  
da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

Ferreira, Daniela Alexandre.

MÃES DE JOELHOS, FILHOS DE PÉ: O TERÇO DE SANTA MÔNICA DA  
COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, A RELIGIÃO, O  
“MOMENTO NOSSO” E A “AJUDA” / DanielaAlexandre Ferreira. -- 2019.  
83 f.

Orientador: Luzimar Pereira Paulo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas - ICH. Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais, 2019.

1. Sociabilidade. 2. Mulheres. 3. “movimento”. I. Pereira Paulo,  
Luzimar, orient. II. Título.

**DANIELA ALEXANDRE FERREIRA**

**MÃES DE JOELHOS, FILHOS DE PÉ: O TERÇO DE SANTA MÔNICA  
DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: A RELIGIÃO,  
O "MOMENTO NOSSO" E A "AJUDA"**

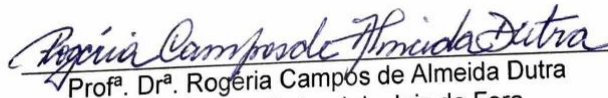
Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
como requisito parcial à obtenção do grau  
de Mestra em Ciências Sociais.

Dissertação defendida e aprovada em 30 de julho de 2019.



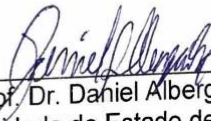
---

Prof. Dr. Luzimar Paulo Pereira  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Rogéria Campos de Almeida Dutra  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Daniel Albergaria Silva  
Universidade do Estado de Minas Gerais

Aos meus amados pais, Luiz Carlos e Cláudia, a minha querida Vó Lina, o meu Vô João e ao meu tio Luizinho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus e Nossa Senhora Aparecida por ter me dado força no processo de construção desse trabalho. Ao meu orientador Luzimar Paulo Pereira pela dedicação e orientação. Aos companheiros(as) de mestrado que estiveram comigo. Toda a minha família, amigas(os) e o meu namorado que me ajudaram nos momentos que mais precisei. As “mulheres do terço” de Santa Mônica que me receberam com todo carinho. O Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, a CAPES e a Universidade Federal de Juiz de Fora.

## RESUMO

A presente pesquisa analisou o “movimento” eclesial do Terço de Santa Mônica frequentado apenas por mulheres. Ele fica localizado no bairro Nossa Senhora Aparecida na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. Através dessa pesquisa foi possível entender que o Terço de Santa Mônica age motivado por dois objetivos associados à religião: a “ajuda” e sociabilidade. A devoção é o motivo principal que faz com que as mulheres participem do “movimento”, existe um compromisso permanente com o santo. A “ajuda” foi entendida como uma mobilização das mulheres perante as necessidades dos outros, de maneira geral por motivos de enfermidade ou problemas financeiros. A sociabilidade (“momento nosso”) possui duas características: ela é marcada pelo o gênero (“homossociabilidade”) e é implicada pela movimentação. A “ajuda” e a sociabilidade possuem uma relação dual. A sociabilidade está ligada ao profano e a “ajuda” ao sagrado. Em suma, o “movimento” criou um lugar para a mulher fora do ambiente da casa, contudo não houve o desaparecimento das preocupações com a família e os outros. Além disto, fora do espaço da casa elas encontram uma moralidade reguladora nas suas interações sociais.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Mulheres. “Movimento”.

## ABSTRACT

The present study analyzed the ecclesial "movement" of the Rosary of Santa Monica attended only by women. It is located in the district Nossa Senhora Aparecida in the city of Santos Dumont, Minas Gerais. Through this research it was possible to understand that the Santa Monica Rosary acts motivated by two objectives associated with religion: "ajuda" and sociability. Devotion is the main motive that causes women to participate in the "movement," there is a permanent commitment to the saint. The "ajuda" was understood as a mobilization of women to the needs of others, generally for reasons of illness or financial problems. Sociability ("momentonosso") has two characteristics: it is marked by the gender ("homosociability") and is implied by the movement. "ajuda" and sociability have a dual relationship. Sociability is linked to the profane and the "ajuda" to the sacred. In short, the "movement" created a place for the woman outside the home environment, however, there was no disappearance of the worries with the family and the others. Moreover, outside the home they find a regulatory morality in their social interactions.

**Keywords:** Sociability. Women. Movement.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A cidade de Santos Dumont no mapa de Minas Gerais.....	16
Figura 2 - A igreja de Nossa Senhora Aparecida .....	18
Figura 3 - “Mulheres do terço” .....	21
Figura 4 - A camisa do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora	24
Figura 5 - “As mulheres do terço” dançando na festa de comemoração do fim de ano. ....	35
Figura 6 - A imagem de Nossa Senhora Aparecida utilizada no Maio com Maria. Na foto em questão a imagem se encontra em umas das casas que recebeu a oração. ....	38
Figura 7 - As "mulheres do terço" caminhando para as casas para realizar o Maio com Maria.....	41
Figura 8 - “Mulheres do terço” rezando na casa da Dona Vilma .....	43
Figura 9 - As “ mulheres do terço” na comunidade de Campo Alegre – Santos Dumont, Minas Gerais.....	62

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	LOCALIZANDO O OBJETO.....	16
1.2	A INSERÇÃO NO CAMPO.....	19
<b>2.</b>	<b>A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A ENTRADA, CONSTRUÇÃO DO “MOMENTO NOSSO” E A “AJUDA”</b> .....	<b>21</b>
2.1	A ORGANIZAÇÃO DO TERÇO DE SANTA MÔNICA.....	23
2.2	A COORDENAÇÃO .....	25
2.3	A ATUAÇÃO DA COORDENADORA.....	26
2.4	COMO ACONTECEM AS ENTRADAS NO TERÇO DE SANTA MÔNICA? ....	28
2.5	COMO ELAS FORAM ADERINDO? ALGUMAS HISTÓRIAS DAS PARTICIPANTES DO TERÇO DE SANTA MÔNICA .....	29
2.6	A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A HISTÓRIA DE IMACULADA .....	30
2.7	A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A HISTÓRIA DE CÁTIA.....	31
2.8	ALGUNS MOTIVOS QUE LEVARAM A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA .....	33
2.9	O PAPEL DO TERÇO DAS MULHERES DE SANTA MÔNICA.....	35
<b>2.9.1</b>	<b>O papel do terço de Santa Mônica: a sociabilidade</b> .....	<b>35</b>
2.10	O PAPEL DO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A “AJUDA” .....	37
2.11	NÓS MULHERES TEMOS UM “MOVIMENTO” .....	41
<b>3.</b>	<b>A “AJUDA” E A “FAMÍLIA”</b> .....	<b>43</b>
3.1	OS EFEITOS DE “SAIR DE CASA”: A “AJUDA FORA” .....	45
3.2	O GESTO DE DOAÇÃO.....	46

3.3	AS MISSAS DO DIA DOZE: A HOMENAGEM A NOSSA SENHORA APARECIDA.....	47
3.4	HISTÓRIA UM: COMO É “SAIR DE CASA” PARA IR À IGREJA? A HISTÓRIA DO “SANTO SUDÁRIO”.....	49
3.5	O ENCONTRO PAROQUIAL DO TERÇO DOS HOMENS.....	51
3.6	HISTÓRIA DOIS: COMO É “SAIR DE CASA” PARA IR À IGREJA? O CASO DO ENCONTRO PAROQUIAL DO TERÇO DOS HOMENS.....	51
3.7	UMA ANÁLISE SOBRE AS HISTÓRIAS RELATADAS: O PONTO DE VISTA DO MARIDO.....	52
3.8	A MORALIDADE.....	56
3.9	AS CONSEQUÊNCIAS DO “GESTO DE DOAÇÃO”: OUTRO OLHAR SOBRE AS “MULHERES DO TERÇO”.....	58
<b>4.</b>	<b>A SAÍDA DAS MULHERES DO TERÇO PARA OS EVENTOS FORA.....</b>	<b>61</b>
4.1	MULHERES DO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A CAMINHADA COMO PRÁTICA DE CONHECER E SE INTERAGIR.....	64
4.2	A VISITA DAS MULHERES DO TERÇO DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA NO TRIÓDO DE SÃO JOÃO BATISTA.....	65
4.3	UMA ANÁLISE: O QUE FAZEMOS E FALAMOS NOS EVENTOS DE FORA?.....	70
4.4	APONTAMENTOS FINAIS.....	77
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nos meados de 2017, quando ainda estava cursando as disciplinas do mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz Fora resolvi trocar o meu objeto de pesquisa. A minha experiência pessoal com os espaços urbanos da minha cidade, mais precisamente aqueles pertencentes ao meu bairro sempre me influenciaram nesta escolha. Sou moradora da cidade de Santos Dumont, Minas Gerais há vinte e sete anos e resido no bairro Nossa Senhora Aparecida.

Durante a graduação realizei duas pesquisas relacionadas com vivências dos moradores do meu bairro. A primeira foi sobre o Salão de Beleza da Grace Kelly, localizado na Rua Sebastião de Oliveira. A análise proporcionou um entendimento sobre o modo de utilização do local através das frequentadoras, no qual ele passa a adquirir diversos usos sociais que podem variar de acordo com o modo que cada uma tem interesse de usufruí-lo. Seja como ambiente de aprendizagem e conscientização seja como palco e bastidor, relações de confiança são reforçadas através do diálogo livre (FERREIRA, 2013).

A segunda pesquisa examinou uma fonte pública de água, conhecida como a “Bica”, localizada na Rua Aristides Honório. Por muitos anos ela foi a única fonte de obtenção de água potável para a população da localidade. Os frequentadores utilizam o local para realizarem múltiplas atividades de lazer como jogos e comemorações de aniversários (FERREIRA, 2013).

Nesta perspectiva, na pós-graduação resolvi estudar outro local de extrema importância para os moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida: A Rua Joaquim Nunes, conhecida como “Rua Principal”. A minha pesquisa foi pautada na observação e descrição das modalidades de relações sociais estabelecidas entre habitantes e transeuntes, focando nos modos pelos quais as pessoas circulam pela mesma e são observadas pelos seus habitantes em seus deslocamentos. Desta forma, no final de 2017 realizei três meses de trabalho de campo na Padaria Nossa Senhora Aparecida, comércio localizado na Joaquim Nunes. Observei as movimentações cotidianas daquele local e da rua por três meses, contudo o material coletado não foi suficiente para produzir a dissertação de mestrado, logo, foi necessário trocar o meu objeto de pesquisa. Percebi que além do trabalho de campo, eu costumava frequentar a Rua “Principal” para cumprir os meus afazeres religiosos.

Sou católica há vinte sete anos e possui a rotina de participar das missas, principalmente aos domingos. Notei que houve um aumento da minha presença na igreja de Nossa Senhora Aparecida devido aos inúmeros convites que recebia da minha mãe para ir aos eventos do Terço de Santa Mônica. Portanto, foi através da minha prática de frequentar a igreja na companhia da minha mãe que encontrei no “movimento” do Terço de Santa Mônica um enfoque para esse trabalho.

O Terço de Santa Mônica é um movimento eclesial<sup>1</sup> da Igreja católica iniciado em 2016, na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, situada no bairro Nossa Senhora Aparecida na cidade de Santos Dumont-MG. Com o objetivo de reunir mulheres para rezarem o terço conjuntamente. Atualmente são setenta mulheres inscritas. Existem duas características que são de extrema importância para compreender como o “movimento” funciona: (1) as mulheres não se reúnem apenas para rezar o terço, mas também se reúnem para o lazer e sociabilidade. São feitas atividades distintas como visitar outras igrejas nos dias de novena. Novena é um conjunto de orações que acontecem no período de nove dias. Elas são feitas em homenagem aos santos.

As novenas frequentadas pelas “mulheres do terço” acontecem nas festas religiosas. Nelas são vendidas comidas típicas ao som de músicas católicas ou sertanejas. É muito comum que aconteça a procissão. A procissão é um corpo organizado de pessoas caminhando de maneira informal ou cerimonial. A procissão é acompanhada pela imagem de algum santo pregada no andor ornamentado com flores e fitas.

O “momento nosso” seria um termo nativo utilizado para descrever o tempo de lazer que é vivido entre mulheres. As mulheres elaboram ações no intuito de ajudar os outros, estes outros podem ser membros da família ou moradores da cidade. Neste sentido, a “ajuda” seria um termo nativo.

Para proceder às demandas apresentadas acima as mulheres precisam circular pelo o cenário urbano. Mais precisamente, é necessário deslocar para viver a sociabilidade (“momento nosso”). Se a sociabilidade faz com que as mulheres circulem, a sociabilidade é a movimentação. Almeida e Tracy (2003) demonstram como a circulação é passível para o olhar antropológico estudando a “trajetividade”

---

<sup>1</sup> Os movimentos eclesiais são associações fundadas, muitas vezes, por leigos, das quais participam também sacerdotes, religiosos e também bispos.

como um elemento essencial dos espaços na contemporaneidade refletindo os modos de espacialização, ou seja, a maneira de estar e ser no espaço. Para Tim Ingold (2015), pensar as movimentações cotidianas significa refletir sobre as formas pelas quais as relações sociais são produzidas. Trata-se de pensar as movimentações cotidianas dos atores sociais como um meio produtor de relações sociais e conhecimento:

Os habitantes, então, conhecem conforme prosseguem, conforme atravessam o mundo ao longo de trajetos de viagem. Longe de ser um acessório á coleta ponto á ponto de dados a serem passados para depois de processados transformarem em conhecimento, o “movimento” é ele mesmo a maneira do habitante conhecer. (INGOLD, 2015, p. 228).

Segundo Tim Ingold (2015), existem dois tipos de movimentos: o linear que se refere ao “movimento” de peregrinação e o lateral que se refere ao “movimento” feito pelos transportes. No movimento linear o peregrino está continuamente em movimento, ele é o movimento. O peregrino é exemplificado no mundo como uma linha de viagem, uma linha que avança conforme prossegue. No movimento lateral o transporte é essencialmente orientado para um destino. Nele o viajante não se move, ele é movido, tornando-se um passageiro em seu próprio corpo. O movimento lateral produz o conhecimento classificatório onde as coisas são classificadas de acordo com as suas naturezas. Em contraponto o movimento linear do peregrino gera o conhecimento narrativo.

Ao afirmar que a sociabilidade é movimentação, relaciono com o “movimento” de peregrino, porque ele constitui um conhecimento que está perpetuamente em construção dentro do campo das relações estabelecidas através da imersão do ator-observador em determinado contexto ambiental.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi estudar as implicações que são geradas pelas circulações cotidianas feitas por mulheres do Terço de Santa Mônica. Esse estudo é pertinente para o conhecimento antropológico, porque colabora com os debates sobre os estudos de comunidade realizados na antropologia nacional entre as décadas de 1940 e 1960, ao trazer uma cidade interiorana para o centro do debate. Maio e Oliveira (2011) mostram que os “Estudos de Comunidade” constituem como uma modalidade de pesquisa em que a vida social de uma determinada comunidade, social e espacialmente localizada, é objeto de investigação minuciosa e detalhada.

A pesquisa também traz benefícios para os estudados, pois as suas práticas nunca foram o foco de atenção para a produção de um trabalho acadêmico. Sua temática condiz com o objetivo da antropologia urbana que é dar voz aos agentes que estavam esquecidos tanto pela própria antropologia quanto por aquelas linhas de pesquisa que enfocam contexto urbano em sua visão macro social (RIBEIRO, 2013).

Em relação ao enfoque esse trabalho é pertinente, porque apresentou uma perspectiva que perpassou a reza no sentido do ritual. Forneceu outro modo de pensar a oração nos movimentos eclesiais, pois não houve um interesse na complexidade dos efeitos e sentidos do terço como um fenômeno religioso, mas na sociabilidade que é experimentada pelas “mulheres do terço” no tempo que elas passam juntas (a reza proporciona a sociabilidade).

Este tipo de abordagem foi influenciado pelas seguintes constatações:

Há uma tensão e uma desconstrução da religião enquanto período de aproximação com o divino, momento de meditação, recolhimento e contemplação como o qual a religião fora vista nos primeiros estudos que realizam essa aproximação. Evidentemente que os aspectos individuais da crença enquanto forma de conectar-se a um ser divino que fortalece e acompanha o percurso na vida terrena faz parte das narrativas, no entanto, aqui, penso ser importante trazer a dimensão da religiosidade vivida na velhice, a partir de seus aspectos compartilhados nas formas de sociabilidade (BIGOSSO, 2014, p.05).

Bigossi (2014) mostrou que a religiosidade é uma ferramenta para a sociabilização dos idosos na sociedade. A formação dessas novas redes na velhice se dá cada vez mais através de ações associativas, como em grupos de terceira idade, do poder público e das universidades e da Igreja.

A sociabilidade foi tratada aqui numa dimensão mostrada por Simmel. Para Simmel (1983, p.168), “[...] a sociabilidade é a forma lúdica da sociação”. Vale ressaltar que existem duas características que marcam a sociabilidade das “mulheres do terço”: a primeira é que ela é implicada pela movimentação, a segunda é que ela seria uma sociabilidade feminina.

Ao estudar festas católicas em Goiás, Nascimento (2012) mostrou que a partir de um modelo de sociabilidade rural, gênero pode ser pensado a partir de redes de sociabilidade que se associam por semelhança entre pessoas do mesmo sexo, que não possuem fronteiras fixas dadas pelas unidades familiares nem por relações de

parentesco. De acordo com a autora as mulheres são produtos e produtoras não somente de uma relação social com os homens, mas também de uma relação social entre elas. Observa-se um modo de relação que privilegia sociabilidade de pessoas do mesmo sexo, como se houvesse um tipo de homosociabilidade.

Na literatura antropológica existem trabalhos voltados para a parte ritualista da oração como Mauss (1909) ou estudos mais contemporâneos como de Oliveira (2011). Assim como o estudo proposto aqui existem trabalhos que deram preferência para outras questões ao estudarem as pastorais e movimentos religiosos da Igreja Católica como as análises de Lopes (2011) e Anjos (2008) que focaram nas questões do papel da liderança nas igrejas católicas assumida por mulher e as relações de poder. Lopes (2011) observou a dinâmica de vida das mulheres que assumem papéis de liderança nas pastorais católicas do distrito de São João do Sacramento (Manhuaçu-MG) problematizando questões de gênero e poder. Já Anjos (2008) tratou sobre militâncias de mulheres de classes populares nas comunidades eclesiais de base e pastorais da igreja católicas.

Em conclusão, foi possível entender que as “mulheres do terço” circulam conjuntamente para realizar as suas atividades. A sociabilidade (feminina) ou a “homosociabilidade” é implicada pelo o deslocamento. A necessidade de deslocar retira a mulher de casa. A pesquisa mostrou que estas saídas geram consequências nas relações familiares das mulheres, portanto, são estes os efeitos dos deslocamentos. A pesquisa também demonstrou que mesmo estando entre mulheres, fora do espaço da casa não há um desaparecimento das preocupações familiares e com os outros.

Para atingir o objetivo proposto, utilizei-me do trabalho de campo e a realização de entrevistas semiestruturadas. Acompanhei as mulheres no período de setembro de 2018 a janeiro de 2019. Foram realizadas cinco entrevistas com as mulheres escolhidas e uma com o marido de umas participantes. As outras falas que foram descritas no texto que foram expressadas por outras mulheres foram retiradas do diário de campo, no período que estive acompanhado o “movimento”. É importante salientar que foram utilizados nomes fictícios no intuito de respeitar a privacidade das mulheres. Foi preservado apenas o nome do padre.

O primeiro capítulo demonstrou os motivos pelos os quais as mulheres escolhem entrar para o Terço de Santa Mônica focando na história de Cátia e a Imaculada. Foi possível entender que rezar pela família é um dos motivos principais.



Além disto, foi mostrado dois objetivos do “movimento”: (1) ter momentos de sociabilidade (“o momento nosso”), (2) “ajudar” os outros.

O segundo capítulo tratou o tema da família, na perspectiva do grupo doméstico. Ele se interessou em retratar quais os mecanismos utilizados pelas “mulheres do terço” para deixarem as suas casas no intuito de frequentar os eventos da igreja. Foi revelado que há tensões e conflitos neste processo, é que o motivo pelo o qual as mulheres saem de casa está relacionado à devoção ao santo. É por causa da devoção (MENEZES, 2004) que elas continuam praticando “gesto de doação”, termo nativo para designar o trabalho oferecido na igreja. Este trabalho pode ser feito através da “ajuda”.

O terceiro e último capítulo explicitou como as mulheres se organizam quando são convidadas para participarem dos “eventos fora” da comunidade. Ele serviu para demonstrar de fato como é vivida a sociabilidade entre mulheres e quais as suas características principais.

## 1.1 LOCALIZANDO O OBJETO

Figura 1 - A cidade de Santos Dumont no mapa de Minas Gerais.



Fonte: Google imagens

O presente trabalho trouxe como tema de investigação mulheres que possuem a prática religiosa de rezar o terço e fazem parte do “movimento”

eclesial: Terço de Santa Mônica. Estas mulheres residem na cidade de Santos Dumont, em Minas Gerais. O município é localizado na região da Zona da Mata e possui quarenta e seis mil e duzentos e oitenta e quatro habitantes (IBGE, 2010).

As “mulheres do terço” residem no Bairro Nossa Senhora Aparecida. Ele fica na região central da cidade. Subindo o calçadão da Antônio Ladeira em direção a Linha do Trem é possível chegar a sua localidade. Nele está situada a igreja católica que é frequentada pelas mulheres: A Igreja de Nossa Senhora Aparecida. O Bairro Nossa Senhora Aparecida, conhecido popularmente como “Ó”, se vincula a própria história da cidade e em particular a linha ferroviária que a atravessa, inaugurada em 1877. As ruas do bairro eram recortadas por esta linha com destino a Mercês, conhecida como Piranga, cujo trajeto circular delineado na paisagem serviu de inspiração para esta alcunha (Bairro do Ó). O nome oficial Nossa Senhora Aparecida, advém da construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida, na década de 50 do século passado.

O Bairro Nossa Senhora Aparecida é um bairro situado na região central de Santos Dumont em Minas Gerais que se localiza nas proximidades da antiga estação de trem da cidade que hoje se instala o Centro Cultural. A estação de Palmira foi criada no ano de 1877 no vilarejo de João Gomes que só se tomou município em 1890, mas a troca de nomes da cidade e da estação para Santos Dumont aconteceu somente em 1930. Nos meados de 1911 foram encontradas informações do Ramal da Piranga saindo da cidade de Mercês.

Esse ramal constituía a Estação ferroviária João Gomes ao Rio Doce, a sua atual estação terminal se encontra em Mercês e ainda há que atravessar as cidade de Alto do Rio Doce e Piranga para completar o seu trajeto, o Ramal tem início na plataforma oriental da estação, tornando ao rumo ao leste a linha descreve um espiral, voltando a passar em si mesma por meio de um viaduto [...] Continuando a subir o trem atinge a garganta do Córrego do Ouro, depois seguindo, a direção nordeste, desce a vertente meridional do rio Pinho (VASCONCELLOS,1928). Sua ocupação, originalmente por meio a essas mediações ocorreu pela vinda de funcionários das antigas linhas férreas e funcionários da antiga Carbureto de Cálcio, atualmente nomeada de Dow Corning.

A Igreja de Nossa Senhora Aparecida foi construída na Rua Joaquim Nunes na década de sessenta. Havia uma viajante que morava na cidade de São Paulo. Ele trouxe a imagem de Nossa Senhora Aparecida para Santos Dumont e

andava pelas casas do bairro fazendo orações todas as noites. Por este motivo os moradores se reuniram e resolveram construir uma igreja em homenagem à santa.

Um terreno foi doado para a construção. Os moradores se reuniram para arrecadar fundos com a realização de leilões. Cada morador doava uma prenda – podia ser um objeto com valor monetário ou um prato típico preparado em casa como leitões ou frango assado – que seria leiloada por uma pessoa responsável. Ela dizia um valor mínimo de cada prenda e os participantes deveriam dizer valores mais altos. O último participante que falasse o valor mais alto deveria arrecadar a prenda e pagar o preço determinado.

Figura 2 - A igreja de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo Pessoal

Numa visão panorâmica da paisagem da rua, a arquitetura da Igreja de Nossa Senhora Aparecida se destaca. As paredes foram pintadas de azul. Elas destacam juntamente com a imagem da padroeira de quase dois metros de altura que foi fixada no pátio da mesma. O seu interior é decorado com imagens de santos católicos e bancos de madeiras largos enfileirados, de modo a concentrar a atenção para o altar onde acontecem as celebrações. É importante compreender que o Terço de Santa Mônica faz parte da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, ou seja, ele pertence à comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

## 1.2 A INSERÇÃO NO CAMPO

Não é mais espanto para a antropologia brasileira contemporânea quando dizemos que estamos pesquisando os nossos, há muito tempo os nossos vizinhos de rua estão presentes nos relatos. Velho (1989) sempre me influenciou com o seu “estranhar o familiar”, contudo não foi tão fácil encontrar este estranhamento com as “mulheres do terço”. As dificuldades enfrentadas sugerem muito do que Velho (1989) discorre com seriedade ao estudar o “familiar”. A imagem do trabalho de campo com grupos que fazem parte da sua turma de vizinhos, amigos e outros trazem desafios para a subjetividade bem coerentes, portanto, é óbvio que foi necessário buscar o estranhamento do familiar. Segundo Velho (1989), esse processo só se torna possível quando confrontamos intelectualmente e emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações, etc.

Fiquei sabendo sobre o Terço de Santa Monica através da minha mãe que é uma das participantes. Nós duas sempre frequentamos a igreja juntas, mas quando ela entrou para o “movimento” resolveu me convidar para ir de companhia nas rezas do terço, antes mesmo que eu iniciasse a pesquisa sobre o tema. Desta forma, estabeleci minha entrada no universo das “mulheres do terço” a partir da minha inserção como católica e filha de umas das participantes. Desta maneira, a minha mãe foi uma informante crucial para a formulação deste trabalho. Assim como, a Alana e Imaculada, que também são integrantes do terço. Possuo uma relação de intimidade com as duas. Imaculada foi minha catequista e sempre nos encontramos na igreja e Alana é minha prima.

Sendo assim, a pesquisa foi feita com mulheres conhecidas. Sendo assim, encontrei muitas dificuldades ao estudá-las. Várias vezes eu naturalizei as palavras que foram ditas pelas mulheres. Grande parte da observação também foi feita dentro da minha casa, de certa forma os meus pais foram estudados por mim e em alguns momentos não consegui me desligar da pesquisa. Vale ressaltar que o trabalho de campo terminou, porém continuo frequentando a mesma igreja, indo nos eventos que elas organizam, ou seja, continuo convivendo com as mulheres.

As minhas experiências pessoais na presença das “mulheres do terço” me trouxeram um novo modo de inserção na religião que pratico, estando na companhia das mulheres eu rezei mais, eu entendi outros significados da devoção. Eu ajoelhei e pedi para os santos com mais firmeza, eu vi nelas um espelho para a minha fé.

Apreendi com aquelas mulheres que ser mãe não é simplesmente ser mãe, mas ser mãe é proteger o filho perante a Deus. Estando com elas eu fiz muitas atividades, trabalhei na festa de fim de ano, ajudei a arrecadar dinheiro no dia de evento fora da comunidade. Atualmente eu sou responsável pela confecção das fichas do sorteio do dia das mães. A pesquisa foi finalizada, mas a minha permanência ali continuou.

Goldman (2006) descreve que o trabalho do antropólogo pode significar expandir e aprofundar uma experiência cultural através da outra. Praticando uma “fecundante corrupção” ao expandir e reconhecer a nossa própria cultura. Aprofundando o nosso autoquestionamento e colaborando para a nossa transformação.

## 2. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A ENTRADA, CONSTRUÇÃO DO “MOMENTO NOSSO” E A “AJUDA”

O objetivo principal do “movimento” do Terço de Santa Mônica é reunir um conjunto de mulheres para rezar o terço. O terço compreende um conjunto de quatro “mistérios”: os Mistérios Gozosos, os Mistérios Dolorosos, os Mistérios Gloriosos e Luminosos. Cada mistério retrata a vida de Jesus Cristo e Maria. O terço inicia-se com a oração do “credo”, em sequência são rezadas mais três ave-marias e um pai-nosso. Após a reza do pai-nosso iniciam-se os mistérios que devem ser seguidos de acordo com o dia da semana. Em cada mistério realiza-se a oração de dez ave-marias e um pai-nosso. Ao terminar o quinto mistério reza-se a oração da “salve rainha” concluindo, portanto, a reza do mesmo.

Figura 3 - “Mulheres do terço”.



Fonte: Arquivo Pessoal

O terço é rezado na Igreja de Nossa Senhora Aparecida pertencente à <sup>2</sup>Paróquia de São Joaquim e Sant’ana localizada no bairro Córrego do Ouro. O Padre Welligton é o responsável pela paróquia. Existem sete<sup>3</sup> comunidades

---

<sup>2</sup> A Igreja de Nossa Senhora Aparecida pertence a Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana. O significado de paróquia seria uma delimitação territorial de uma diocese. O responsável pela paróquia é o pároco.

<sup>3</sup> Para o Padre Welligton comunidade seria “Uma porção do povo de Deus que se reúne em torno, por exemplo, de uma capela, ou, se reúne para celebrar a ceia (a eucaristia) a partir

agregadas à mesma: Comunidade de São João Batista, São Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora Imaculada da Conceição e São João Batista (Calixto). Apenas a comunidade de Santa Luzia não possui o “movimento” do terço de Santa Mônica, desse modo, existem seis movimentos eclesiais do Terço de Santa Mônica.

Na tentativa de entender como um “movimento” que visa organizar as mulheres em torno da reza do terços se estabeleceu, descobri que a prática deste tipo de reza já era um hábito:

Primeiro que eu lembro que não existia terço das mulheres. Na verdade as mulheres sempre rezaram muito se a gente for lembrar na história da piedade popular nós vamos sempre encontrar a presença das mulheres. Tanto que se a gente olhar no pessoal mais antigo tinha aquelas dona que era rezadeira que puxava os terços que ia de casa em casa aquelas coisas todas você já deve ter visto isso né? E hoje com essa coisa do terço das mulheres em alguns lugares, mães que oram que aqui na paróquia é o terço de Santa Mônica. O padre Dione colocou o terço de Santa Mônica, por causa da inspiração da Santa Mônica, que ela foi a mãe que rezou pelo filho. Foi uma maneira de dar um nome para aquilo que as mulheres sempre fizeram né. As mulheres sempre gostaram muito de rezar sempre estiveram essa maior aptidão para isto. O terço que surgiu primeiro com nome foi o terço dos homens. Depois que surgiu o terço dos homens e que deram um nome, criaram tipo um “movimento” mais de uma coisa que já existia [...] Como “movimento” ele é novo, mas se você for olhar para essa coisa as mulheres sempre foram aquelas que eram chamadas para rezar terço. Se a gente for procurar você vai encontrar em cada comunidade aquela que era responsável. Quando alguém queria rezar um terço em casa sabia quem que ia chamar, então, era a dona fulana de tal, porque vamos chamar ela, porque ela que puxa o terço. No fundo hoje [...] eles pegaram o que já existia e deram um nome para aquilo, aproveitou o que já existia, mas sempre houve aquelas mulheres que sempre iam lá à capela rezava o terço no horariozinho. Um grupinho que iam lá sem nome sem nada só mesmo pela força da oração [...]. (Padre Welligton, 29 anos).

Através da fala do Padre Welligton foi possível compreender que a prática de rezar o terço sempre esteve presente no convívio das mulheres católicas, contudo o surgimento do “movimento” do terço das mulheres trouxe uma nova maneira de organizar este tipo de prática. Além disto, a participação no “movimento” extrapola a finalidade de se reunir para rezar, porque existem outras atividades oferecidas pelo mesmo.

---

domomento que eles passam a se reunir várias vezes no mesmo lugar para celebrar a ceia eles se tornam uma comunidade”.

Sendo assim, este capítulo é uma tentativa de demonstrar como é estabelecida a entrada no “movimento” destacando a história de duas mulheres. Como também descobrir o objetivo do “movimento” sobre o ponto de vista delas. Ele está atrelado em dois pontos: a possibilidade de “ajudar” outros ou as outras mulheres e a possibilidade de ter um “momento nosso” (sociabilidade feminina ou a *homossociabilidade*).

A expressão “momento nosso” foi dita pela minha mãe quando estávamos conversando sobre a importância de participar do Terço de Santa Mônica. Ela relatou que comparecer nos eventos do terço é envolver-se em um universo somente de mulheres, o que gera, portanto, “momentos” só delas. O que traz uma construção de uma sociabilidade feminina. Nos termos nativos a “ajuda” seria colaborar com o bem-estar das companheiras do terço, mas também da sociedade e da comunidade.

## 2.1 A ORGANIZAÇÃO DO TERÇO DE SANTA MÔNICA

Antes de compreender como é feita a entrada das mulheres no “movimento” é preciso expor alguns detalhes organizacionais que o moldam. Como “movimento”, o Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida possui uma parte organizacional. De maneira geral, cada “movimento” do Terço de Santa Mônica é pertencente a uma comunidade, sendo que cada um deles possui uma coordenadora. O termo “comunidade” também pode ser entendido como aquele que possui uma relação com a igreja e o santo representado por ela. O bairro Nossa Senhora Aparecida possui uma igreja. A santa que é congregada por ela é: a Nossa Senhora Aparecida. Desta maneira, a comunidade do bairro é a comunidade Nossa Senhora Aparecida, porque o santo é o modo pelo qual se faz a referência.

A “comunidade” organiza no sentido de alocar as mulheres dentro dos movimentos existentes na paróquia: quando uma mulher decide fazer parte do movimento das mulheres do terço a escolha de qual grupo integrar depende do bairro que a mulher reside, porque ela entra no movimento pertencente à comunidade que foi construída em torno da igreja ou capela do seu bairro.



Figura 4 - A camisa do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro meio de organizar as mulheres como um grupo é a blusa de uniforme — demonstrada na imagem da acima — as mulheres do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida utilizam camisas de malha na cor bege claro estampada com a imagem de uma mão unida à outra mão, em volta de um terço desenhado no formato de um coração. As mulheres utilizam a camisa quando estão realizando as suas atividades, mas vale mencionar que não é algo imposto ou que deve ser usado com regularidade. Elas também usam fora de suas atividades. É habitual encontrar com alguma participante usando a camisa na missa dominical, por exemplo, ou até mesmo circulando pelas ruas do bairro.

Existe outra camisa da cor verde estampada com a imagem de Santa Mônica. Ela representa o terço a nível paroquial, ou seja, é uma camisa que é usada quando há necessidade de representar o “movimento” do Terço de Santa Mônica como pertencente à Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana. As duas cores de camisa refletem as duas estâncias de participação das mulheres. Quando elas precisam representar a Paróquia, fora de sua área territorial, ou seja, visitando outros movimentos dentro ou fora da cidade elas utilizam a camisa verde. Na ocasião que é necessário representar o terço de Santa Mônica no nível da comunidade elas utilizam a camisa bege. Em suma, as duas cores de camisa simbolizam as circulações que são feitas pelas “mulheres do terço”.

## 2.2 A COORDENAÇÃO

A escolha do cargo da coordenação fica a critério ou responsabilidade do padre. A troca de coordenação acontece de dois em dois anos, mas se ele quiser pode ser prorrogado por mais dois anos. Atualmente a coordenadora do terço da comunidade de Nossa Senhora Aparecida é Alana, ela possui 49 anos, casada, é professora e possui uma filha. Assumiu o cargo no início de 2018.

Conversando com ela descobri que após a sua entrada houve um investimento na forma de administrar o “movimento”:

Então, essa organização foi eu que criei, porque quando eu entrei não tinha nada disso não, então, eu tenho um caderno de presença que eu levo toda segunda feira e ali as pessoas assinam. Eu tenho um caderno de aniversário do terço e outro caderno que é o de ata onde fica contido todos os lugares onde eu saio com o terço eu registro ali (Alana, 49 anos).

No momento que ela disse que “não tinha nada disso não” ela quis retomar a forma que “movimento” era organizado antes da sua chegada e dizer que não havia registros das participantes como atualmente, como o caderno de presença, por exemplo, a sua justificativa para este posicionamento foi:

Tem que ter essa organização, porque quando eu percebo que a pessoa parou de frequentar a gente vai atrás para saber, porque não está frequentando ai se a pessoa está doente a gente começa a visitar a pessoa. A gente fala com os ministros que ai os ministros passam a levar eucaristia para estas pessoas nas casas entendeu? (Alana, 49 anos).

A explicação de Alana sobre a sua maneira de organizar o terço de Santa Mônica é pautada na ação de amparar a mulher que por algum motivo está ausente do “movimento”. E por acaso se esta ausência for por razão de doença ela fornece esta informação para outros grupos dentro da própria igreja. Por este motivo quando a coordenadora trouxe para a sua fala os “ministros”, ela quis se referir ao ministro extraordinário da comunhão: uma pessoa que é dada a permissão, após a preparação necessária de distribuir a hóstia consagrada pelo padre na parte da missa destinada a comunhão, momento em que os católicos fazem um ritual de partilha na presença de corpo e sangue de Jesus Cristo.

Os ministros da eucaristia se autorizados podem levar a hóstia na casa dos doentes para que eles possam continuar recebendo-a, motivo este que Alana os

cita. No decorrer do capítulo ficará mais evidente a questão da “ajuda”. Vale ressaltar que foi possível perceber na fala da coordenadora que o tipo de organização fornecido por ela serve de alguma forma para “ajudar” as próprias mulheres do terço.

Além disto, as atribuições que precisam ser feitas pela coordenadora são: rezar o terço todas as segundas-feiras às dezenove horas, rezar um <sup>4</sup>rosário na Igreja de Nossa Senhora Aparecida todas as terças-feiras à tarde, visitar os doentes mulheres que fazem parte do terço e rezar nas suas casas, organizar as mulheres quando há convites para participar de eventos em outras comunidades, trabalhar na festa de Nossa Senhora Aparecida que acontece todo mês de outubro de cada ano na comunidade e rezar o Maio com Maria, evento que acontece todo mês de maio que consiste em fazer orações na casa das pessoas durante trinta dias.

Há também a realização de um encontro com todas as coordenadoras de movimento de terço na Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana. Elas se reúnem com a coordenadora paroquial para montar um calendário de atividades. Nele contém tudo que vai ser cumprido ao longo do ano como, por exemplo, o aniversário de cada terço e todas as festividades que são realizadas nas comunidades.

### 2.3 A ATUAÇÃO DA COORDENADORA

Alana disse que não sabe os motivos pelos os quais foi escolhida pelo o padre para exercer a função de coordenadora. A sua fala foi: “Eu não sei porque ele me escolheu, acho que ele me viu fazendo as atividades dos aniversários e organizando os passeios nas comunidades”.

A Cátia trouxe uma visão diferente sobre a escolha de Alana para a coordenação:

Desde começo do terço, eu não lembro como ela foi escolhida. Ela me telefonou e me disse que era, mas não era época de escolher alguém. Ela me disse que o padre perguntou quem era a coordenadora, ai falaram que era a Fabiana. A Fabiana disse que não havia coordenação, que era um grupo de mulheres que já faziam parte da igreja, que rezavam ai não precisava de coordenadora, mas Alana disse que não existia nada sem coordenação. Ai ela pressionou até conseguir o cargo de coordenação, mas até ai era só

---

<sup>4</sup>O rosário é a oração de três terços que contempla todos os mistérios.

um grupo de senhoras que se reunia toda segunda feira. Alana disse que precisava ter registro com endereço e telefone, que precisava emancipar e com isso ela achou que devíamos participar de todos os eventos que apareciam e comemorar os aniversários (Cátia, 54 anos).

Não consegui obter mais informações sobre como aconteceu de fato a escolha da coordenação que foi assumida por Alana. Circulam fofocas de que Alana é muito amiga do padre, o que facilitou bastante. A Cátia me disse que não sabia que o padre escolhia as coordenadoras. Estas informações não conseguiram ser validadas por mim, tentei conversar com Alana novamente, mas não obtive respostas esclarecedoras.

Atualmente a coordenação que é feita por Alana tem gerado alguns conflitos. Muitas mulheres falam que ela é a chefe: “Fala com a sua chefe”, foi uma frase escutada por mim. Umas das atitudes tomadas por ela foi colocar o envio de mensagens do *whatsapp*<sup>5</sup> somente para administradores. Desta forma, antes de serem publicadas as mensagens precisam passar pela sua validação. Em muitos momentos eu escutei Cátia dizendo que a Alana era sem educação e não sabia tratar as pessoas. Ela também me disse que a sua personalidade interfere, pois ela é bastante incisiva, contudo ela faz um bom trabalho.

Um momento de hostilidade aconteceu entre a coordenadora do terço e uma participante do “movimento” após uma postagem no grupo do *whatsapp* “mulheres do terço”. No dia sete de março de 2019 (dia internacional da mulher) a Marina publicou uma imagem com os dizeres: “mulher não gosta de parabéns, ela gosta é disso”. Atrás destes dizeres estava a imagem de um homem sem camisa. Isto gerou alguns comentários. Alana se pronunciou e demonstrou uma discordância perante o conteúdo compartilhado. Ela disse para Cátia que aquilo não é o tipo de assunto ideal para um grupo de mulheres católicas. O argumento usado pela coordenadora pautou no princípio de que se os maridos daquelas mulheres que baixaram a imagem tivessem conhecimento sobre poderiam ficar chateados. Depois do acontecimento Marina saiu do grupo e não voltou.

Além de amparar as mulheres, o tipo de organização que é feita por Alana também uma forma de controle. Ele é feito a partir da necessidade de saber quem está ou não frequentando. Como o foco do “movimento” é a reza do terço todas as

---

<sup>5</sup>O WhatsApp é um aplicativo de mensagens.

segundas-feiras às dezenove horas. A função principal da coordenadora é garantir um grande número de mulheres para rezar, por isso o controle é necessário. A reza cheia é a mais bem vista entre os movimentos. Isto é motivo para brincadeiras. Algumas mulheres acham “graça” dos eventos que são feitos pelo o Terço de Santa Mônica da Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana, porque eles não possuem um grande número de mulheres frequentes. Desta maneira, é possível entender que a autoimagem da coordenadora está pautada no número de mulheres que frequentam a reza que é organizada por ela.

Quando as mulheres do terço de Santa Mônica visitaram a comunidade de Nossa Senhora Graças, a Cátia me contou que a coordenadora daquela igreja disse que as mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida são um exemplo a ser seguido, porque elas conseguiram levar um grande número de mulheres.

#### 2.4 COMO ACONTECEM AS ENTRADAS NO TERÇO DE SANTA MÔNICA?

A entrada das mulheres no “movimento” do terço de Santa Mônica na comunidade Nossa Senhora Aparecida é feita através do convite, este convite pode ser feito por alguma participante do terço para outra mulher. Ou a partir do próprio interesse da mulher. Sendo assim, ela procura alguém que possua ligação com o “movimento” e pergunta como pode participar. Para a nova integrante são passadas informações e horários das rezas e atividades. No caso do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida é comum adicionar as novatas no grupo do *WhatsApp* como forma de incorporá-la no grupo.

Quando houve a instauração do Terço de Santa Monica na comunidade de Nossa Senhora Aparecida o convite foi a forma encontrada para a divulgação do “movimento” feita pelo padre Dione. A minha mãe que foi uma das primeiras participantes informou-me que na parte da missa destinada a repassar os recados aos fiéis ele começou a convidar as mulheres para participarem do novo “movimento” que estava surgindo. Ela convidou a minha madrinha de batismo que também começou a participar. Com o passar do tempo a minha madrinha convidou a sua filha que estava com depressão. Sua filha é a Alana, a coordenadora atual, que após uns meses de participação assumiu este cargo.

Outro meio de divulgação do terço é o fato da Igreja permanecer aberta nas segundas-feiras no horário da reza. Isto foi propício para que algumas pessoas se dirigissem a ela e descobrissem que havia algum tipo de oração acontecendo e espalhassem umas para as outras.

Durante o meu convívio no universo daquelas mulheres observei diversas situações. Acompanhei a Imaculada, uma das integrantes fazendo um convite para outra mulher. Eu estava numa reunião de um projeto de alfabetização criado pelas “mulheres do terço” e havia uma professora que ainda não participava do “movimento”. Imaculada disse: “Você não tem interesse em participar do terço? Nós rezamos todas as segundas-feiras às dezenove horas aqui na igreja, às dezenove horas em ponto [...]”.

No final da missa dominical uma amiga de muitos anos da minha mãe perguntou para ela sobre o terço e como fazia para entrar. Através de minhas observações percebi que a maioria das mulheres que entraram para o terço de Santa Mônica são mulheres que faziam parte da vida religiosa daquela comunidade e que já participavam de outros grupos religiosos ou <sup>6</sup>pastorais. Há também casos de mulheres que estavam passando por algum tipo de dificuldade financeira, problemas de saúde e problemas familiares. Deste modo, quando elas ficaram sabendo do “movimento” demonstraram vontade de participar na tentativa de buscar algum tipo de melhora.

## 2.5 COMO ELAS FORAM ADERINDO? ALGUMAS HISTÓRIAS DAS PARTICIPANTES DO TERÇO DE SANTA MÔNICA

No instante que atingi uma relação mais prolongada ao lado daquelas mulheres decidi que deveria entrevistar algumas delas, ou de maneira mais informal conversar com elas. Tive a iniciativa de conversar com duas mulheres, uma delas é minha mãe – que como já foi relatado é integrante do terço e minha informante – e escolhi também mais uma: Imaculada “braço direito” da coordenadora. Alana me disse que Imaculada é a sua vice.

---

<sup>6</sup> As pastorais são um conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão.

## 2.6 A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A HISTÓRIA DE IMACULADA

Era uma quarta-feira da segunda semana de dezembro de 2018. Sai de casa às treze horas em direção à casa de Imaculada. Nosso encontro foi marcado quando eu estava andando no centro da cidade de Santos Dumont com a minha mãe, cumprimentei a mesma e marcamos uma conversa. Ela estava tímida, mas disse que aceitaria desde que não precisasse tirar fotos. Ela me perguntou se queria marcar na Igreja ou na sua casa, percebi, portanto, que estes eram os espaços de ocupação dela, resolvi, portanto, ir à sua casa.

Imaculada possui 54 anos, é casada, dona de casa, mãe de dois filhos e avó de duas meninas. Seu marido também faz parte do “movimento” do terço: terço dos homens, “movimento” destinado para a reza do terço, mas que tem como foco o incorporar dos homens nesta prática. Além de ser integrante do terço das mulheres ela também participa da Pastoral da Criança e de um grupo de reflexão que faz orações na casa das pessoas.

Ela é bastante conhecida no cenário da Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Muitos membros de sua família estão inseridos ali. Irene é sua irmã. Ela sempre está presente nas atividades do terço apesar de não fazer parte dele. Imaculada foi responsável por todas as barraquinhas de comidas típicas na festa de Nossa Senhora Aparecida que aconteceu em outubro de 2018. Dentro do Terço de Santa Mônica ela atua como vice-coordenadora. Ela e a Alana são responsáveis pela reza do rosário todas as terças-feiras às 13h30min na Igreja.

Imaculada mora na parte de cima do bairro Nossa Senhora Aparecida De acordo com as nossas localizações necessitei subir duas ruas bem altas, como é conhecido, por aqui “subindo em direção ao campo do Tigre”. Avistei a sua casa, apoiei nas grades e chamei de seu nome em voz alta, nas palavras nativas, eu “gritei” a Imaculada. Ela abriu o portão e eu subi alguns degraus. Vi o seu marido que caminhava por ali e o cumprimentei, entrei numa pequena varanda coberta com algumas telhas, naquele espaço havia uma mesa com quatro cadeiras, onde sentei.

Havia também uma estante grande, algumas flores e um sofá. Assim que cheguei, ela me disse: “Estava te esperando menina, tenho que fazer novena de natal daqui a pouco às quinze horas”. Naquela mesa encontravam-se um pequeno livro em que era seguido na novena natalina. Na sua capa estava estampado a sagrada família, ao lado do livro também se encontrava a bíblia. Bastante eufórica

ela me perguntou “diga o que você quer saber”? Eu disse: “Vamos conversar um pouco sobre como você começou a participar do terço de Santa Mônica?”.

Eu comecei na paróquia que é de São Joaquim e Santana no bairro Córrego do Ouro, mas eu moro no bairro nossa senhora aparecida, então, como esta dificultando o horário que eles colocaram no terço ai nos passamos a fazer as orações aqui na nossa igreja onde foi criaram o terço das mulheres [...] aqui no máximo tem uns três anos mais ou menos. Eu comecei a participar aqui, porque ficou mais perto para mim, mas acessível os horários os dias e tudo (Imaculada, 54 anos).

Sobre o papel do terço de Santa Mônica:

Aqui na cidade são muitos grupos do terço das mulheres cada um tem seus projetos os seus planos, nós aqui do bairro nossa senhora aparecida à gente sai em vista aos doentes. A gente procura ver os mais necessitados, assim como tem pessoas que às vezes o marido a família está todo desempregado a gente procura ver se consegue cesta básica para eles. Tem uma pessoa que estava fazendo fisioterapia mais ai não pode continuar pagando a gente está correndo atrás para ver se consegue pelo SUS. A gente está tentando para 2019 um plano da gente poder ajudar aquelas pessoas que participam do terço não só elas que participam do terço , mas aquelas que fazem parte do nosso dia-a-dia que não sabe nem ler nem escrever a gente está vendo um projeto entre professores. Pessoas que entendem dessa rede de ensino que possam nos ajudar a fazer esse novo projeto, ainda vamos ver se colocamos em prática com o apoio do nosso pároco que está apoiando. A gente espera com isso ajudar as pessoas. (Imaculada, 54 anos)

Após a nossa conversa me despedi de Imaculada. Ela me disse que estava indo realizar a novena de Natal nas casas. Neste ano em específico o padre Welllilton distribuiu para cada pessoa interessada dez livros que servem de apoio para a realização da mesma. Cada dia da novena acontece numa casa. As casas que são selecionadas para cada novena se situam na mesma rua e o responsável pela novena realiza a mesma na rua que ele reside.

## 2.7 A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A HISTÓRIA DE CÁTIA

Assim que saí da casa da Imaculada retornei para a minha residência, desci até a “vage”. A “vage” é conhecida pelos moradores como uma parte do bairro que é considerada mais úmida. Quando cheguei em casa, por volta das quatorze horas, o almoço já havia sido servido. Reparei que minha mãe estava na cozinha terminando de guardar nos armários alguns copos e pratos. Eles eram secados com um pano de



prato manuseado com precisão para que cada gota de água fosse realmente secada. Olhando para ela com todo aquele trabalho doméstico e a necessidade terminá-lo o mais rápido possível recordei que assim como Imaculada ela iria participar da novena de natal às quinze horas (eram novenas diferentes, porque elas moravam em ruas diferentes). Da mesma forma que Imaculada havia terminado os seus afazeres típicos da hora do almoço como lavar as louças e cozinhar, minha mãe estava terminando os seus.

Devido às necessidades da pesquisa e da agenda que me propus a cumprir resolvi conversar com a minha mãe naquele momento. Deixei o celular em cima da mesa para gravar a voz. Seu nome é Cátia, possui cinquenta e quatro anos, casada, aposentada e possui uma filha. Tal como Imaculada o seu marido também faz parte do movimento do Terço dos Homens. Além de ser integrante do terço de Santa Mônica ela também atua na equipe litúrgica da Igreja de Nossa Senhora Aparecida.

Sua função nela é nomeada de “leitora”. “Leitora” ou “leitor” é uma pessoa que após passar por uma determinada preparação realiza a leitura da primeira leitura ou segunda leitura no ritual da missa. Leituras são trechos selecionados da bíblia. Ela também é atuante na equipe da Sacristia<sup>7</sup>. Há uma agenda de organização que deve ser seguida nos dias de missa ou casamento e a equipe da Sacristia se reveza, por exemplo, entre lavar as toalhas e “preparar o altar”. O “presbitério” é o local onde fica o altar (o altar é uma mesa) a “credência” (uma mesa pequena onde os objetos sacros que vão ser usados durante a missa) e o “ambão da palavra” (local onde é feito as leituras da missa).

Nesta perspectiva, “preparar o altar” significa colocar as toalhas de acordo com a liturgia<sup>8</sup>. A Igreja se veste de cores de acordo com o tempo<sup>9</sup> litúrgico. Preparar o altar seria trocar as toalhas de acordo com a cor indicada, arrumar a credência, lugar onde coloca as coisas sacras como a “hóstia”, a água e o vinho, arrumar o “ambão da palavra”, local onde os “leitores” se posicionam na hora de ler. Ela também faz parte do Apostolado da Oração: Sagrado Coração de Jesus. O

---

<sup>7</sup> A sacristia é um local onde destinado para guardas às coisas sacras da Igreja como, por exemplo, as hóstias que não foram consagradas, o vinho, as roupas do padre e livros litúrgicos.

<sup>8</sup> A liturgia é a compilação de rituais e cerimônias relativas aos ofícios divinos das igrejas cristãs.

<sup>9</sup> Os tempos litúrgicos são as divisões existentes no Ano Litúrgico da Igreja Católica: advento, quaresma, tempo comum, tempo do natal, tríduo pascal, tempo pascal.

Apostolado da Oração constitui a união dos fiéis que, por meio do oferecimento cotidiano de si mesmos, se juntam ao Sacrifício Eucarístico, no qual se exerce continuamente a obra de nossa redenção, e desta forma, pela união vital com Cristo, da qual depende a fecundidade apostólica, colaboram na salvação do mundo.

Ela exerce a função de secretária. Suas funções são participar da reunião mensal, escrever a ata e manter atualizados os dados dos membros participantes. Quando eu perguntei os motivos pelos os quais ela entrou no Terço de Santa Mônica ela respondeu:

Eu já tinha a devoção do terço há muito tempo, mas às vezes em casa você começa a rezar e distrai, então, sempre tive vontade no momento oportuno de realmente rezar o terço tirando aquele tempo. Como eu já participo, já participava de alguns “movimentos” da igreja com a vinda do padre Dione ele fez nascer nas mulheres a vontade delas tirarem horário do terço especialmente para rezar pelos filhos e a família. Ai quando surgiu essa oportunidade eu entrei na primeira chance, na primeira vez que ele fez o convite ai eu aderi à ideia, me senti muito gratificante. Eu também tive mais tempo disponível, porque minha mãe faleceu e eu cuidava dela, então, foi uma forma também de ajudar a melhorar a dor da perda e rezar o terço. (Cátia, 54 anos).

Sobre o papel do terço de Santa Mônica:

O objetivo do terço além de ser uma coisa para gente orar pelos filhos é uma coisa espiritual, é um momento muito agradável onde a gente encontra com as pessoas ali. Após a reza muitos falam dos seus problemas das suas alegrias. Além do momento de oração é momento de você interagir além da oração. Torna-se também um lazer um convívio com a sociedade principalmente com as mulheres. Nos mulheres é um momento nosso onde conversamos das nossas intimidades, brincadeiras, alegrias e até mesmo o bate papo e ajudar uma amiga que está precisando de algo (Cátia, 54 anos).

Assim que terminei a nossa conversa escutei a voz de Alana chamando no portão, pois estava na hora de ir para a novena de natal. Minha mãe concluiu a nossa conversa enquanto terminava de varrer a cozinha. Depois ela ajeitou os cabelos, trocou de roupa, pegou o livro e a bíblia. Desceu as escadas e ficou conversando com as outras mulheres que estavam no aguardo para iniciar a reza.

## 2.8 ALGUNS MOTIVOS QUE LEVARAM A ENTRADA NO TERÇO DE SANTA MÔNICA

Através das falas que foram expostas acima foi possível encontrar dois motivos que levaram as duas mulheres a entrarem no “movimento” do Terço de Santa Mônica: o primeiro é em relação aos horários: Imaculada disse que passou a frequentar o terço da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, porque o horário é mais acessível para ela. Já a Cátia disse que viu a entrada no terço como uma oportunidade de ter um horário certo para rezar especialmente pelos filhos e pela família. O segundo motivo foi apresentado por Cátia está associado à perda da mãe, na qual o terço, ou seja, a oração serve como amenizador da perda. Além dos motivos individuais apresentados existe um que perpassa todos eles: a devoção:

Os devotos de um santo são aqueles que estão de alguma maneira vinculados a ele, numa relação que envolve a fé, a amizade, a confiança. Qualquer pessoa pode pedir alguma coisa a um santo, principalmente se o pedido for diretamente relacionado à especialidade dele. E retribuída à graça alcançada, essa pessoa pode considerar-se livre de obrigações para com ele, pronta para seguir seu caminho e solicitar ajuda deste santo ou de outro qualquer em caso de novas necessidades. Mas para um devoto, essa relação se prolonga, pois há sempre pedidos sendo feitos, graças sendo alcançadas, proteções sendo recebidas e gratidão por aquilo que é concedido. Se o início da relação com o santo pode ainda estar na memória, embora em alguns casos ela seja tão naturalizada que ele pareça ter estado presente na vida do devoto desde sempre, seu fim não parece estar no horizonte das possibilidades, mesmo que ela possa terminar um dia. A devoção é, assim, vivida como uma relação vinculante e duradoura (MENEZES, 2004, p.245).

Neste sentido, é possível concluir que o devoto não visa o fim da devoção. Desta forma, o compromisso permanente também se dá em relação a participação no terço. Vale ressaltar, portanto, que a devoção mobiliza as mulheres para além da sociabilidade (“momento nosso”) e a “ajuda”.

Percebe-se que o tema da família surgiu quando foi necessário pensar a entrada no “movimento”. A questão do horário trouxe o tema da família nos discursos, porque o “tempo acessível” de Imaculada está relacionado com o horário que é propício dentro da sua agenda de mulher casada/dona de casa e mãe.

Neste capítulo não serão tratados de maneira profunda a questão da família/”mulheres do terço”, pois o tema será abordado no capítulo seguinte, contudo é importante mencionar a questão. Através das descrições feitas acima foi possível ter a dimensão de como as mulheres lidam com as relações da casa (família) e as saídas para outros espaços para cumprirem os compromissos da igreja. Vale destacar também que a própria descrição feita por mim ao manter o

contato com as mulheres nas suas casas demonstrou como o cotidiano delas é marcado pelo serviço doméstico.

## 2.9 O PAPEL DO TERÇO DAS MULHERES DE SANTA MÔNICA

Através das descrições feitas acima foi possível entender que as “mulheres do terço” se constituíram como um grupo: com a criação do Terço de Santa Mônica um coletivo de mulheres passou a se reunir. Sendo assim, elas começaram a utilizar vários mecanismos que demonstrassem a ideia da unidade como o uso de uniformes, a reza do terço com horário marcado e a participação em eventos se constituíram, portanto, como um “movimento”.

A vista disto, quando conversei com Cátia e Imaculada entendi que o “movimento” possui alguns objetivos de atuação. O primeiro seria a questão da “ajuda” e o segundo seria a questão da sociabilidade.

Desta maneira, uma mulher como participante do “movimento” tem a oportunidade de construir um convívio entre mulheres através de momentos de reza, mas também através de momentos de sociabilidade, de atividades políticas e sociais. Lopes (2018) mostrou que em Soledade-MG a vida religiosa e comunitária ocupa um espaço central na sociabilidade local, englobando atividades sociais e políticas diversas, para além das práticas religiosas propriamente ditas.

### 2.9.1 O papel do terço de Santa Mônica: a sociabilidade

Figura 5 - “As mulheres do terço” dançando na festa de comemoração do fim de ano.



Fonte: Arquivo Pessoal

As mulheres do Terço de Santa Mônica não se reúnem apenas para a reza do terço todas as segundas-feiras às 19hrs. Como foi mencionado, há outras atividades que são realizadas dentro e fora da comunidade.

Vale mencionar que dentro deste quadro de atividades também se encontram aquelas que não são necessariamente eventos religiosos, mas comemorações de datas festivas. A foto na página anterior demonstra tal afirmação. A fotografia foi retirada por mim na festa de fim de ano no mês de dezembro de 2018. A foto captou as mulheres dançando em pares, as músicas que estavam sendo tocadas ao vivo pelos homens do terço da comunidade que ofereceram seus serviços musicais como forma de animação. O som do cavaquinho, pandeiro e algumas palmas marcaram a diversão das “mulheres do terço”.

Pode-se falar, portanto, que a vida religiosa das mulheres do terço atua como espaço central de sociabilidade. A seguir serão descritas algumas frases que demonstram tal afirmação: “o que acontece, elas ficaram sabendo do terço, porque elas são sozinhas têm mais de sessenta anos, elas ficam lá frequentando lá” (Alana, 49 anos).

Esta frase foi dita pela coordenadora do terço quando estávamos conversando sobre como são feitas as entrada dessas mulheres. Sua afirmativa perpassou a ideia de participação no “movimento” como a possibilidade de socialização e ocupação do tempo das mesmas, assim como associação destas necessidades com a idade e a solidão, trazendo, portanto, um meio de ressocialização das mulheres idosas.

De acordo com Bigossi (2014, p.06):

Na fase da vida denominada envelhecimento, essa mudança de redes é marcada pela aposentadoria e pela perda dos amigos e familiares. Se os homens sentem essa ruptura com a aposentadoria e deixando colegas com os quais conviveram diariamente por anos e anos, as mulheres, que na sua maioria trabalhavam em casa ou com os maridos, sofrem com o distanciamento dos netos e com a morte das vizinhas e dos companheiros. A formação de novas redes de sociabilidade na velhice se dá cada vez mais através de ações associativas, como os grupos de terceira idade, por exemplo, mas também através de ações das Igrejas, do poder público, das universidades.

Recordo muitas das vezes que Alana mencionou comigo que sentia a necessidade de levar as mulheres no cinema na cidade de Juiz de Fora, porque

algumas delas nunca tiveram tal oportunidade. Alana disse: “elas não saem muito”. Colocando participação das mulheres no Terço de Santa Mônica como uma oportunidade de construir uma rede de sociabilidade e a possibilidade de ter um tempo para o lazer.

Outro ponto que deve ser analisado ao pensar o terço de Santa Mônica e a sociabilidade é que esta sociabilidade é experimentada apenas por mulheres. Deste modo, é viável falar sobre a existência de uma sociabilidade feminina. Para discutir sobre esta questão é viável retornar um trecho da fala de Cátia que já foi citada:

É momento de você interagir além da oração torna-se também um lazer um convívio com a sociedade principalmente com as mulheres. Nos mulheres é “um momento nosso” onde conversamos das nossas intimidades, brincadeiras, alegrias e até mesmo o bate papo e ajudar uma amiga que está precisando de algo (Cátia, 54 anos).

Neste sentido, o “momento nosso” seria uma interação vivida entre mulheres. Nele é proporcionada a sociabilidade. As “mulheres do terço” vivem a sociabilidade através das brincadeiras, através das conversas, mas também através do conflito nas situações que envolvem a coordenadora do terço. Simmel (1983) ao refletir sobre o conflito na vida social mostra que a oposição de um membro de um grupo ao companheiro não é um fator puramente negativo, porque a oposição nos dá satisfação íntima, distração e alívio. As brincadeiras e as conversas das mulheres são pautadas nos temas do universo feminino como, por exemplo, os filhos, beleza, televisão e sexo. Isto será mostrado com mais profundidade no terceiro capítulo.

## 2.10 O PAPEL DO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A “AJUDA”

A possibilidade de ter práticas sociabilidade foi apresentada por Cátia como um dos objetivos do Terço de Santa Mônica, o segundo motivo que foi trazido na fala de Imaculada foi a “ajuda”:

[...] nós aqui do bairro nossa senhora aparecida à gente sai em visita aos doentes, a gente procura ver os mais necessitados, assim como tem pessoas que às vezes o marido, a família está toda desempregada a gente procura ver se consegue cesta básica para eles. Tem uma pessoa que estava fazendo fisioterapia mais ai não pode continuar pagando a gente correndo está correndo atrás para ver se consegue pelo SUS e a gente está tentando para 2019 um plano da gente poder ajudar aquelas pessoas que participam do terço não só elas que participam do terço, mas aquelas que fazem

parte do nosso dia-dia que não sabe nem ler nem escrever a gente está vendo um projeto entre professores pessoas que entendem dessa rede de ensino que possam nos ajudar a fazer esse novo projeto, que nos estamos colocando em prática ainda vamos ver se colocamos em prática com o apoio do nosso pároco que está apoiando a gente espera com isso ajudar as pessoas (Imaculada, 54 anos).

Através do relato exposto acima nota-se que há uma “ajuda” espiritual que seria a oração em prol dos “necessitados”. “Necessitados” são aqueles que possuem algum tipo de doença ou aqueles que procuram as mulheres do terço para pedir uma oração para agradecimentos ou intenções particulares. Os outros tipos de “ajuda” seriam: a “ajuda” com bens materiais que seriam doações materiais e a “ajuda” na aquisição de alguns direitos fundamentais, como o acesso à saúde. Há também uma distinção sobre quem é “ajudado”: existe a “ajuda” mútua entre as mulheres do terço e o oferecimento da “ajuda” das mulheres do terço para outras pessoas que podem ser ou não moradoras da comunidade que eles pertencem.

Figura 6 - A imagem de Nossa Senhora Aparecida utilizada no Maio com Maria. Na foto em questão a imagem se encontra em umas das casas que recebeu a oração.



Fonte: Alana (a coordenadora do Terço de Santa Mônica).

O Maio com Maria é um grande evento que marca a “ajuda” espiritual das mulheres do terço para as famílias da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. O evento aconteceu pela primeira vez no mês de maio de 2018 e acontecerá

novamente no mês de maio de 2019. O Maio com Maria são leituras sobre Maria seguidas através do livro de Brito (2018) — Maio com Maria: Quem é esta Mulher?— que são realizadas por trinta e um dias às quinze horas nas casas sorteadas pelas organizadoras.

Após a leitura do livro havia a reza do terço. No dia da oração as “mulheres do terço” levaram a imagem de Nossa Senhora Aparecida e flores. Em média quarenta mulheres participaram da oração nas casas escolhidas. O trigésimo primeiro dia aconteceu na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Alguns destes representantes das casas escolhidas falaram sobre a importância da visita de Maria nos lares e das graças após e durante o mês de maio. Cátia descreveu alguns depoimentos feitos no dia:

Uma pessoa conseguiu um emprego para o seu filho. Outra pessoa que o filho estava em tratamento e ele não queria fazer o uso do medicamento e o filho começou a aceitar o tratamento. Uma das moças que fez a leitura que integrante das mulheres do terço que nunca tinha lido em público fez uma leituras bíblica e ela agradeceu por ter conseguido ler em público (Cátia, 54 anos).

Uma história que foi observada por mim que destacou a “ajuda” das mulheres do terço com a doação de bens materiais e acesso aos direitos foi a seguinte: a minha vizinha de rua estava passando por problemas financeiros, seu marido estava sem trabalho e eles precisavam cuidar de um filho pequeno de um ano de idade. Alana, a coordenadora do terço procurou ajudá-la providenciando uma cesta básica na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Ela também providenciou e orientou a mulher para que ela conseguisse a bolsa família, um acompanhamento pediátrico para o bebê e o cadastramento na pastoral da criança da comunidade.

Sobre a “ajuda” mútua entre as mulheres do terço é importante retomar a fala de Alana, porque o seu relato demonstrou que o tipo de organização que é feita no “movimento” tem como perspectiva a própria questão da “ajuda”: buscar as mulheres que estão afastadas e averiguar se há algum tipo de necessidade e repassar as informações para os ministros da eucaristia. Outro exemplo da “ajuda” entre mulheres seria o projeto de alfabetização que Imaculada e Alana criaram em dezembro de 2018 com o intuito de alfabetizar as mulheres do terço com “ajuda” voluntária de alguns professores. O projeto ainda não foi efetivado. Os trabalhos estão previstos para o ano de 2019.



Há outro tipo de “ajuda”: é a “ajuda” fornecida ao Terço dos Homens. Quando eu estava conversando com Imaculada ela me perguntou se o meu pai, que também é membro do Terço dos Homens iria tocar instrumentos na confraternização de final de ano das “mulheres do terço”. Os homens do terço possuem um coral. Alguns deles tocam instrumentos musicais, por isso eles foram chamados para fornecer a parte musical da festa. Eu respondi para ela que não sabia se meu pai iria participar. Ela me disse que os homens do terço eram desanimados diante das comemorações festivas, ela me disse que elas precisavam “ajuda” neste quesito.

É muito comum que as “mulheres do terço” de Santa Mônica trabalhem nos eventos do terço dos homens, como foi o caso do almoço em comemoração ao aniversário do mesmo. A Dona Celestiana, Alana, minha mãe e Imaculada serviram a refeição do café da manhã e almoço para os convidados que estavam presentes.

A conversa entre mulheres apareceu como um meio de distração e sociabilidade, contudo também observei a conversa como uma forma de “ajuda” entre as mulheres do terço: “Nós conversamos tanto nos momentos alegres como nos momentos tristes. Às vezes a pessoa está triste ou preocupada aí a gente procura dar uma palavra de conforto para a colega” (Cátia, 54 anos).

A justificativa que foi encontrada por Cátia para as atitudes de assistência que são tomadas foi: “já que fazemos parte da igreja”. Após esta afirmação tentei compreender o que ela quis dizer com esta expressão. E sua explicação foi: “Já que fazemos parte de forma assídua da igreja [...] um dos princípios básicos da religião é o amor ao próximo, então, nos comprometemos a ajudar as pessoas” (Cátia, 54 anos).

No seu discurso há uma identificação com o que foi mostrado por Lopes (2018) ao estudar os líderes de pastorais de comunidade de Soledade-MG, o estudo demonstrou que eles buscam na religião soluções e alternativas para os problemas que não são resolvidos ou ultrapassam os limites da família: rezam pedindo saúde, união para a família, a cura de uma doença, a volta do companheiro, mais recursos econômicos, a recuperação de alguém, o abandono de algum vício etc. Lopes (2018) também mostrou que para este grupo, a religião tem o poder de mostrar as soluções para problemas existenciais de vida e de morte do ser humano. O espaço religioso, que é composto pelos grupos e pastorais, apresenta-se como alternativa de suprir essa satisfação. Uma satisfação que principalmente a mulher busca nesse lugar.

## 2.11 NÓS MULHERES TEMOS UM “MOVIMENTO”

As mulheres que participam do Terço de Santa Mônica são em média mulheres de trinta a oitenta e cinco anos de idade. Como já foi mencionado há setenta mulheres inscritas no terço. O “movimento” do Terço de Santa Mônica trouxe um diferencial para as mulheres que já possuíam a prática de rezar o terço e uma oportunidade para aquelas que não.

Figura 7 - As "mulheres do terço" caminhando para as casas para realizar o Maio com Maria.



Fonte: Alana (coordenadora do terço de Santa Mônica)

O “movimento” possui uma organização interna que alocou as mulheres dentro da categoria grupo. O grupo das “mulheres do terço” compartilham símbolos comuns, como o uniforme e o terço como forma de devoção. A organização que é feita pela coordenadora atual é também uma forma de controle, pois é preciso que as mulheres compareçam para que a reza seja efetivada. Desta forma, o controle é importante, porque a reza que fica cheia, é a reza que é bem vista.

Duas questões devem ser entendidas pelo o leitor ao terminar de ler esse capítulo, a primeira é: **a mulher sai de casa, mas a casa não sai da mulher**. É necessário explicar a afirmação: O objetivo do terço seria: a “ajuda” ao próximo e a oportunidade de ter momentos de sociabilidade feminina (“momento nosso”). O “momento nosso” é vivido entre mulheres, contudo esta sociabilidade possui uma

característica: mesmo estando entre mulheres e fora do espaço da casa a preocupação com outro e com a família não é anulada. Um bom exemplo seria o de Cátia. Ela disse que motivos pelos os quais resolveu entrar para o “movimento” foi a oportunidade de rezar pela família.

A segunda questão é: **mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida estabeleceram um tipo de relação dual ao praticarem a “ajuda” ao próximo e viverem a sociabilidade (“momento nosso”)**. A “ajuda” está relacionada com a caridade.

A caridade é essencial para os preceitos cristãos. Deste modo, ter um olhar sensibilizador com as dificuldades vividas pelo o próximo é uma ação condizente com a religião que é seguida (sagrado). Em contraponto, a sociabilidade pode ser vista sobre outra perspectiva, que não abarca os preceitos da igreja (profano). Neste sentido, há uma alternância entre o devocional e festivo - profano.

Brandão (1981) ao estudar os ritos da festa de santo, mostrou que elas produzem uma sequência de situações alternantes entre o religioso e o secular, ou seja, entre o sagrado e o profano. Baseado no autor é possível perceber uma característica semelhante entre as mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. A sociabilidade se adequa as dimensões do profano e a “ajuda” nas dimensões do sagrado.

Posto isto, o “movimento” do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida é aquele que proporciona uma relação dual entre o sagrado e profano e um espaço para a mulher fora da casa, contudo esta experiência fora do ambiente familiar não é feita sem preocupações com a família e o próximo.

### 3. A “AJUDA” E A “FAMÍLIA”

Na medida que fui acompanhando as mulheres do Terço de Santa Mônica notei que a família é de extrema importância para elas. Cátia relatou: “A família é à base de tudo da nossa vida”. É pela a família que se reza: “a base central do terço são os filhos, mas eu peço pela a minha família, ou para parentes, amigos ou alguma vizinho que eu saiba que está doente [...]” (Cátia, 54 anos).

Figura 8 - “Mulheres do terço” rezando na casa da Dona Vilma



Fonte: Arquivo Pessoal

Apesar da ideia que perpetua dentro do “movimento” de rezar pelos “outros” — a reza como forma de “ajuda” — um dos principais motivos para quais se reza é pela família. A referência a Santa Mônica como intercessora do “movimento” religioso de mães que oram pelos filhos remete a relevância que é dada aos relacionamentos familiares. Sendo assim, será necessário discutir sobre o tema. Serão discutidos nesse capítulo dois pontos: como uma mulher do terço faz para “sair de casa” levando em consideração as suas obrigações domésticas? O segundo ponto será: até que ponto as mulheres ao saírem de casa para “ajudar” os outros interfere nas suas relações familiares? A justificativa pertinente para trabalhar os dois pontos surgiu por causa de duas observações. A primeira foi quando eu conversei com Imaculada sobre os serviços domésticos:

A gente como dona de casa sabemos que serviço tem o dia inteiro, a gente tem filho, marido, neto, então, a gente tem que conciliar os

horários. Então assim, a gente vê um horário que todas as mulheres podem participar que é um horário da noite, mas que não é uma coisa demorada, porque as pessoas as vezes quando demora muito as pessoas começam a desanimar. O nosso o objetivo é esse trazer pessoas que possam rezar, mas que também tem um horário acessível, para que possa tanto dar valor ao terço, ao “movimento” quanto também o serviço de casa, cuidar da família sem ter nenhum problema. (Imaculada, 54 anos).

A fala alertou-me para o fato que além da família ser relevante para as mulheres. Elas também se sentem responsáveis pelos serviços domésticos e pela família. Neste sentido, o período da noite aparece como aquele que é essencial para “sair de casa”, pois há um entendimento de que a maioria das obrigações domésticas foram feitas, todavia notei que nem sempre é possível pôr em prática o que foi relatado. A conversa que escutei entre Alana e Imaculada demonstrou isto.

O “bate-papo” entre as duas aconteceu enquanto elas organizavam a festa de fim de ano do terço no mês de dezembro de 2018. Neste dia, foi necessário que as duas realizassem algumas atividades no período da tarde: como enfeitar o salão e arrumar as comidas que seriam servidas, porque a festa aconteceria de noite. Devido à necessidade de realizar dois deslocamentos, Alana disse para Imaculada que os maridos vão acabar deixando-as. Desta maneira, o segundo ponto que será trabalhado no capítulo foi descoberto na medida em que a própria fala de Imaculada confirmou que “sair de casa” no período do dia poderia gerar consequências.

Em suma, esse trabalho deu enfoque para o grupo doméstico das quais as “mulheres do terço” fazem parte. Segundo Meyer Fortes (1958), o grupo doméstico é uma unidade que possui e mantém a casa e está organizada para prover os recursos materiais e culturais necessários para sustentar e criar os seus membros.

A mulher que participa do “movimento” precisa se retirar por alguns momentos do espaço da casa para seguir as atividades rotineiras exigidas por ele. A mulher que participa do terço pode sair para se divertir e ter os seus momentos de sociabilidade com as outras mulheres, contudo a questão familiar será analisada a partir de uma mulher que sai de casa para “ajudar os outros” sendo este um dos objetivos do terço.

O primeiro capítulo demonstrou que o “movimento” do Terço de Santa Mônica possui como um dos objetivos a “ajuda”. Ela é concebida de duas maneiras: a ajuda mútua entre as mulheres e a “ajuda” ao próximo, ou aos outros. Esse

capítulo tratará do impacto do “movimento” religioso na vida familiar das mulheres que saem de casa para “ajudar” os outros.

### 3.1 OS EFEITOS DE “SAIR DE CASA”: A “AJUDA FORA”

O terço das mulheres de Santa Mônica criou um lugar para a mulher fora da casa. Há uma rotina de atividades que ela precisa acompanhar para fazer parte do grupo. A “ajuda” feita pelas mulheres do “movimento” de Santa Mônica para as outras pessoas da comunidade será a partir de agora nomeada de “ajuda fora”.

Percebi ao longo da pesquisa que existe um entendimento de que a mulher que consegue participar de todos os eventos, assim como aquela que chega no horário marcado é bem vista dentro da coletividade. Confirmei esta informação quando a Cátia me disse que aconteciam algumas brincadeiras por causa dos seus atrasos, até que um dia ela resolveu se explicar dizendo que atrasava, porque antes de sair ela precisava deixar a casa em ordem e cuidar do seu irmão, ou seja, a mulher ideal precisa trabalhar de maneira organizada no espaço da casa para que ela consiga ir para igreja sem atrasos e não ser motivo de provocações perante as outras, contudo para que isto aconteça pode ser necessário um tipo de “ajuda”.

A palavra “ajuda” aparece novamente no vocabulário nativo, mas com uma nova roupagem expressando uma assistência para a mulher através de terceiros que desempenham os serviços domésticos que de primeira instância aparecem como tarefas de responsabilidade da mulher. Cátia sempre disse que Alana conseguia cumprir os compromissos, porque o marido dela e a filha fazem o serviço doméstico (“ajudam”). Heredia (1979) mostrou que nas práticas do roçado também vigoram uma percepção de que embora os filhos desenvolvam as mesmas tarefas que o pai, é comum dizer que os filhos ajudam o pai. Demonstrando que eles estão sob sua autoridade, porque o controle das tarefas que são realizadas ali é exercido por ele. Nesta perspectiva, para que as mulheres possam sair para “ajudar” os outros, elas precisam da “ajuda” do marido e dos filhos para manter o grupo doméstico organizado.

Considerando isto foi possível entender que o serviço doméstico é visto como algo a ser feito pela mulher. De acordo com Woortmann (1982), a casa é, então, a “materialização” da família, o espaço ritual onde seus membros interagem; é, também, o lócus da reprodução da força de trabalho de seus membros individuais,

na medida em que a família é uma estrutura de reprodução. Para as mulheres a mulher aparece como aquela que deve controlar a casa. Mais adiante a fala do marido de Cátia também será relatada e também demonstrará a seguinte afirmação. Este controle pode ser baseado para a realização dos serviços domésticos, mas também como aquela que sabe organizar a casa de maneira geral, no intuito de cuidar dos filhos, da formação moral e profissional deles.

Das diversas situações que vivenciei na companhia das “mulheres do terço” houve uma que demonstrou exatamente o que esta sendo relatado: Sentei numas das mesas que estavam algumas mulheres na festa de fim de ano do Terço de Santa Mônica, algumas minutos se passaram e percebi que o assunto mais falado era sobre os filhos: “o meu filho já é formado”, “o meu filho já está casado”, “o meu filho é uma gracinha”, “ele é bonito né?”. As falas demonstraram que uma boa mãe é aquela que organiza de forma satisfatória o espaço da casa. Devido à importância dada à relação do papel assumido por ela dentro do ambiente doméstico, fica perceptível que quando ela resolve “sair de casa” uma série de acontecimentos podem ser desencadeados. Vale ressaltar que o lugar que cada uma exerce dentro dos dois grupos (doméstico e “mulheres do terço”) diante das atividades exercidas varia de acordo com o sexo.

Lopes (2018) também percebeu que no espaço comunitário das mulheres católicas de Soledade-MG o poder é distribuído de modo desigual. É referenciado nos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres, corroborando a literatura pesquisada sobre a condição feminina de viver posições subalternas na organização mais ampla da vida social, em função de esta mesma organização aludir a uma ótica religiosa que “naturaliza” o papel social subalterno da mulher, seja na família, na igreja ou no trabalho (da pastoral). Heredia (1979) também percebeu a variação de acordo com o sexo ao analisar a oposição *casa-roçado* que delimita a área do trabalho.

### 3.2 O GESTO DE DOAÇÃO

Como filha de uma mulher que participa do “movimento”, notei que dentro do meu ambiente familiar fatos interessantes que poderiam ser trabalhados na pesquisa. Tudo começou quando constatei que a minha mãe tinha dificuldades para

fazer todo o serviço doméstico nos dias que ela precisava “sair de casa” para as atividades da igreja.

Ela alegou que isto acontecia, porque além dos afazeres da casa ela precisava cuidar do seu irmão que sofreu traumatismo craniano. Conversando com ela decidi perguntar se ela tinha alguém para auxiliá-la quando eu precisava ficar fora da cidade e a resposta foi não. À vista disso, encontrei na minha casa um campo frutífero para a coleta de informações para construir o segundo capítulo como também descobri um conceito nativo que será interessante para as seguintes discussões: “o gesto de doação”. A expressão refere-se à forma de agradecimento a Deus ao oferecer o seu trabalho para a Igreja. O “gesto de doação” pode ser efetivado através da “ajuda” (“ajuda” mútua entre mulheres e a “ajuda” aos outros).

Para contextualizar o tema da “ajuda”, principalmente de uma mulher que é do terço e tem como objetivo “ajudar” os outros, descreverei na sequência duas histórias vivenciadas por mim dentro da minha própria casa. O primeiro relato será situado dentro de outra atividade que é de responsabilidade das mulheres do terço: as missas que acontecem em honra a Nossa Senhora Aparecida todo o dia doze de cada mês na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. O segundo relato será situado dentro da atividade das mulheres do terço que fornecem “ajuda” ao terço dos Homens nos seus eventos. Neste caso específico: elas ajudaram no Encontro Paroquial do Terço dos Homens.

### 3.3 AS MISSAS DO DIA DOZE: A HOMENAGEM A NOSSA SENHORA APARECIDA

Alguns idealizadores da Igreja de Nossa Senhora Aparecida — pessoas que praticam o “gesto de doação” e trazem novas ideias — entraram em consenso no ano de 2018 para que retomasse uma antiga prática na comunidade: rezar uma missa todo o dia de cada mês na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Esta data é importante, porque no dia doze de outubro é comemorado o dia da padroeira do Brasil.

Apesar da vontade de alguns para que ela voltasse. Após o seu retorno o número de fiéis que passaram a frequentar a missa foi bastante reduzido. Sendo assim, o padre Welligton teve a ideia juntamente com as mulheres do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida de realizar as missas todo dia



doze de cada mês na casa de um enfermo, morador do bairro e católico. Portanto, é de responsabilidade da coordenadora do terço procurar os enfermos da comunidade e conversar com a família do mesmo. Após o aceite da família a informação é passada para o padre que visita a família e organiza a escala de missas. Sendo assim, as mulheres do terço de Santa Mônica devem estar presentes em todas as missas que acontecem no dia doze de cada mês.

A primeira missa do ano de 2019 aconteceu na casa do Sr. Manuel no sábado do dia doze de janeiro. Na sexta feira à tarde eu e Alana fomos à residência dele para levar a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a imagem era pesada, aproximadamente seis quilos, mas Alana não quis aceitar a minha ajuda para carregá-la, porque ela acreditava que transportar todo aquele peso era uma forma de agradecer.

Ela fez uma “promessa”. “Promessa”<sup>10</sup> no vocabulário nativo designa fazer algo em prol da graça alcançada que é pedida para algum santo — depois da realização do Maio com Maria no mês de maio de 2018 (evento retratado no capítulo anterior), o padre Welligton comprou uma réplica da imagem de Nossa Senhora que fica na cidade de Aparecida do Norte, São Paulo; para que pudesse passar nas casas que não foram realizadas o Maio com Maria. É de incumbência das mulheres zelar pela a imagem, saber as casas que ela passa e levá-la para a missa no dia doze de cada mês — chegando lá nós entramos na casa e a filha do Sr. Manuel estava fazendo alguns serviços de limpeza para a realização da missa. Ela mostrou para a Alana onde a celebração aconteceria. Era uma varanda que ficava na entrada na casa.

O Sr. Manuel conversou conosco sobre os trabalhos que ele fazia na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Por mais de dez anos ele trabalhou na coordenação. Atualmente com mais de oitenta anos de idade ele não desempenha mais “gestos de doação” e por motivos de saúde foi necessário se afastar dos que cargos que ele tinha. Após a conversa retornei para a minha casa juntamente com Alana. A missa iria acontecer no dia seguinte às nove horas da manhã.

---

<sup>10</sup>A palavra promessa é definida por Fontes (2014) como a negociação de uma dádiva antes da obtenção da graça.

### 3.4 HISTÓRIA UM: COMO É “SAIR DE CASA” PARA IR À IGREJA? A HISTÓRIA DO “SANTO SUDÁRIO”

No dia doze de janeiro de 2019, a Cátia — a minha mãe — acordou por volta das seis e meia da manhã e “arrumou o café para o meu tio”. Ela usa esta expressão para a prática de esquentar o café na chaleira, colocar numa caneca, partir o pão e passar margarina, separar os remédios que meu tio precisa tomar pela manhã e levar para o quarto, onde ele dorme para que possa se alimentar. Depois de “arrumar o café” ela foi tomar banho, me pediu para ajeitar o seu cabelo, vestiu a roupa, tomou “um gole de café” rapidamente e tirou uma carne do congelador e colocou em cima pia da cozinha para que pudesse descongelar. Ela saiu com um passo apressado.

A missa iria acontecer às dez horas da manhã, mas devido aos serviços de Sacristia também realizados por ela foi preciso chegar ao local com antecedência para a montagem do espaço de acordo com a demanda que é exigida pelo o padre. As mulheres que fazem parte dessa equipe precisam levar da Igreja de Nossa Senhora Aparecida alguns objetos como, por exemplo, toalhas, sinos, ou as roupas dos leitores da igreja para a residência, onde vai acontecer a missa.

Uma das suas funções de Cátia na equipe da Sacristia é cuidar das toalhas que são essenciais para a arquitetura do altar, local que acontece o sacrifício da missa, onde o vinho e pão são transformados em corpo e sangue de Cristo. Além do “gesto de doação” feito para a Sacristia, ela também necessitava estar ali por ser integrante do terço das mulheres. A missa durou cerca de uma hora, mas ela só conseguiu retornar para casa por volta de meio dia e meia, por causa da desmontagem do altar que é feito pela equipe da Sacristia.

Chegando em casa Cátia sentou para descansar por uma meia hora no sofá da sala, a seguir, ela começou a fazer o almoço. Serviu a comida, almoçou, lavou as louças e limpou o chão da cozinha. No meio de tantos afazeres o telefone tocou e ela atendeu era Dona Celestiana, a coordenadora da Sacristia. Elas combinaram o horário para subir para a Igreja de Nossa Senhora Aparecida para ajeitar o espaço para a missa de domingo. O horário combinado foi às dezoito horas.

Após o telefonema ela tirou as roupas de cama e colocou na máquina de lavar. Depois de limpas, as roupas foram estendidas no varal. Depois ela lavou o banheiro, trocou de roupa e pegou uma sacola plástica, nela estavam às toalhas que

pertencem a Igreja e eram trazidas para serem lavadas na sua casa, no intuito de levá-las já limpas para uso.

Fiz companhia à Cátia até a Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Quando chegamos lá, a Dona Celestiana já estava presente. Cátia pegou o ferro de passar esticou um pano na mesa e começou a passar algumas toalhas.

Quando ela começou a mexer nas toalhas que estavam guardadas dentro de um guarda roupa que fica na parte de cima da Igreja, descobriu que uma delas estava com uma mancha — era o “santo sudário”, um pano de linho que fica em cima da toalha do altar, é o pano que foi envolto o corpo de Cristo — como já eranoite ela decidiu levar o “santo sudário” para casa para lavá-lo, porque seria necessário usá-la no outro dia na missa de domingo. Cátia terminou os seus serviços na Igreja e ajeitou todas às tolhas em cada lugar indicado no altar, retornando para casa por volta das nove e meia da noite. Quando ela chegou em casa resolveu, então, lavar o “santo sudário” para que ela pudesse secá-lo para o dia seguinte.

A missa dominical acontece às oito e meia da manhã. Cátia levantou e “arrumou o café” para o seu irmão. Como ela viu que estava ficando atrasada pediu para o seu marido que também tinha a responsabilidade de ir à missa, porque ele participa do terço dos homens — todo segundo domingo do mês acontece à missa do dízimo que é de incumbência do terço dos homens — para que pudesse levar o “santo sudário” para igreja, porque era necessário colocá-lo no altar antes da celebração começar.

A Cátia e seu marido retornaram para a casa às dez da manhã. Assim que ela chegou o telefone tocou. Era um telefonema de Alana, a coordenadora do terço que é prima do seu marido. Alana disse que no momento que ela chegou na igreja Dona Celestiana já estava passando o “santo sudário” que o marido de Cátia tinha levado. Alana perguntou para a Dona Celestiana, porque ela estava passando o outro “santo sudário”. Dona Celestiana disse que o “santo sudário” estava amassado, mas Alana disse que Cátia nunca deixaria o “santo sudário” amassado.

O marido de Cátia disse que entregou o “santo sudário” corretamente, nas mãos da Dona Celestiana e que não tinha entendido o porquê ela falou que estava amassado. Já que ele levou de forma esticada para que isto não acontecesse. Depois que esta ligação aconteceu o dia de domingo na minha casa se restringiu para conversas sobre “gestosde doação”, “ajuda”, igreja, família e Deus.

### 3.5 O ENCONTRO PAROQUIAL DO TERÇO DOS HOMENS

Além das mulheres do Terço de Santa Mônica praticarem todos os tipos de “ajuda” que já foram relatados, elas também “ajudam” os homens do terço quando acontecem alguns eventos. Vale mencionar que os homens do terço também “ajudam” as mulheres do terço. Na maioria das vezes eles fornecem a parte musical dos eventos organizados pelas mulheres. Isto acontece porque o terço dos Homens possui um coral e alguns dos seus participantes são músicos.

Em comparação ao Terço dos Homens, as mulheres do Terço de Santa Mônica “ajudam” praticando serviços característicos do ambiente domésticos. E foi desta forma que elas “ajudaram” no encontro paroquial do Terço dos Homens. O encontro reuniu todos os participantes do terço dos homens das comunidades da paróquia de São Joaquim e Sant’Ana. O evento aconteceu no domingo, no dia dezoito de novembro de 2018. A sua agenda foi estipulada da seguinte maneira: ele teve início com uma procissão saindo da Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana (no Bairro Córrego do Ouro) em direção a Escola Padre Antônio Vieira (também no Bairro Córrego Ouro) onde aconteceu o café da manhã e o almoço.

As mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida que trabalharam no evento foram: Alana, Cátia, Dona Celestiana e Imaculada. Elas foram chamadas para servir o café, o almoço e para recepcionar as pessoas. Também trabalharam outras mulheres do Terço de Santa Mônica de outras comunidades da Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana. Assim que o almoço foi servido, os “homens do terço” da comunidade de Nossa Senhora Aparecida começaram a tocar e cantar música de MPB, samba e outros estilos, e fecharam a solenidade de forma agradável e receptiva.

### 3.6 HISTÓRIA DOIS: COMO É “SAIR DE CASA” PARA IR À IGREJA? O CASO DO ENCONTRO PAROQUIAL DO TERÇO DOS HOMENS

No dia dezessete de novembro de 2018, um dia anterior ao encontro paroquial do Terços dos homens, Cátia precisava resolver algumas responsabilidades como integrante da equipe da Sacristia, é costume ir para a igreja de Nossa Senhora Aparecida no sábado para ajeitar o que for necessário para a missa dominical. Dona Celestiana decidiu ir para a igreja às quatorze horas. Sendo

assim, Cátia resolveu servir um “mexido” — prato típico que é feito através da mistura de outros, como arroz, feijão e carne — nas suas palavras ela conseguiria otimizar o seu tempo.

Ela chegou da igreja por volta das dezesseis horas. Eu estava conversando com um casal de primos que vieram da cidade de São Paulo passar alguns dias em Minas Gerais. Eles estavam tomando cerveja, dançando e ouvindo música na casa da minha prima que fica do lado da minha. Foi pedido para que eu a chamasse para participar daquele momento de lazer. Assim que entrei em casa, Cátia estava colocando as roupas na máquina. Eu fiz o convite a pedido dos meus primos para ela. A resposta que obtive foi: “se eu não tivesse que ir amanhã nas coisas da igreja eu até ia, mas tenho que adiantar o serviço”( Cátia, 54 anos). O “adiantar o serviço” era fazer o almoço de domingo, lavar as roupas e limpar casa.

Eu retornei para casa à noite após ficar na companhia dos meus primos. Assim que cheguei minha mãe me passou algumas orientações sobre como eu deveria proceder no domingo diante de alguns serviços domésticos. Como o evento era do terço dos homens da comunidade, o meu pai também iria participar. Deste modo, planejamos para que eu ficasse em casa para cuidar do meu tio que era doente. No domingo os meus pais saíram de casa por volta das sete da manhã. Eu “arrumei o café para o meu tio”, varri a casa, esquentei o almoço, preparei a sobremesa, lavei as vasilhas e passei o pano na cozinha. Meus pais chegaram do encontro paroquial do Terço dos Homens às quatro e meia da tarde.

### 3.7 UMA ANÁLISE SOBRE AS HISTÓRIAS RELATADAS: O PONTO DE VISTA DO MARIDO

As histórias um e dois trazem à tona uma questão relevante: a quantidade de serviços que são praticados pela mulher, tanto no espaço da casa quanto no espaço da igreja. Certa frase dita por uma mulher enquanto estávamos no bazar da igreja que aconteceu no mês de outubro de 2018 demonstra apenas uma prerrogativa “não ligo mais não, já trabalhei muito, por isso que hoje estou quebrada” (Luana, 52 anos).

O seu relato descreve apenas o cansaço diante serviços domésticos. Há um consenso entre as mulheres que o “gesto de doação” não é visto como algo cansativo em comparação com o serviço doméstico. Existe uma ideia diferenciada

de pensar sobre os serviços feitos para a igreja. Muitas vezes a Cátia conversou com a Alana sobre isto e seus pontos de vista eram que trabalhar na igreja pode até ser cansativo, mas recebemos uma recompensa. A recompensa está associada com as graças alcançadas, há uma compreensão que Deus ajuda todos aqueles que querem servi-lo. Sempre que a Cátia pensa em desistir do “gesto de doação” ela diz não conseguir, porque é uma forma de agradecimento.

É possível perceber que há uma relação entre o “gesto de doação” e a devoção (MENEZES, 2004). O “gesto de doação” está estritamente ligado à devoção. Elas saem de casa para “ajudar” como uma forma de agradecimento aos santos pelas graças alcançadas. A ligação permanente com o santo explica o fato da mulher não conseguir deixar de realizá-los.

Após o acontecimento trazido pela história do “santo sudário” na história um, o tema sobre casa x igreja entrou em pauta como assunto de família na minha residência. O atraso de Cátia para ir para a igreja na missa dominical, porque precisava “arrumar o café” para o meu tio desencadeou uma série de acontecimentos como, por exemplo, pedir para que o meu pai fizesse um “favor” — O “favor” nas palavras nativas seria pedir alguém fazer algo para você — a partir daí ele começou a conversar sobre o quanto ficava chateado com algumas situações depois que a minha mãe começou a fazer o “gesto de doação” na igreja. Em sequência descrevei alguns de seus relatos que servirão de análise para as histórias um e dois. Iniciarei com as falas que foram trazidas pelo o meu pai.

Às vezes ela deixa a gente e sai rápido para cuidar de outro serviço que ela pega que é proveniente para praticar o amor um gesto, mas o mesmo tempo com outras pessoas que também que praticam o gesto de doação, mas ao mesmo tempo eles usa como arma a crítica, critica uma coisa que ali tá todo mundo para um só motivo fazer a mesma coisa fazer um serviço amoroso para Deus[...]

Às vezes ela deixa de fazer os afazeres de casa para cuidar de casa, e mesmo cansada ela faz o trabalho na igreja, com força, com dedicação, amor, carinho e fé, as vezes deixa de ficar com o marido ou sair para algum lugar e mesmo assim é questionado no seu trabalho e nunca é perfeito é sempre faltado algo (Luiz Flávio, 58 anos).

O fato da mulher “sair de casa” aparece em associação com “às vezes ela deixa a gente”, ou seja, a mulher que sai de casa para ir para o “movimento”, ou para “ajudar” os outros é vista como aquela que deixa os seus familiares, esta

expressão simboliza o que já foi relatado: a mulher como responsável pela casa e pelos que habitam nela.

Desta maneira, a partir da visão dos estudados, a expressão “sair de casa” seria algo vinculado com o significado do verbo deixar. Demonstra um afastamento da mulher de seus familiares, do seio familiar. É importante mencionar que esse termo foi construído por mim para designar a mobilidade que é feita pela mulher ao deixar o espaço da casa, contudo tentei apreender através da minha convivência com as mulheres o que realmente seria “sair de casa”, até que a fala do meu pai trouxe para mim a explicação deste sob a ótica do nativo. Sendo assim, “sair de casa” é o termo chave para esse capítulo.

A devoção é uma explicação coerente pela qual as mulheres saem de casa, há uma ligação permanente com o santo na qual elas são comprometidas. Sendo assim, a devoção ao santo estabelece o motivo de tensão no ambiente familiar, porque é por causa da relação prolongada com ele que elas precisam “sair de casa”. O conflito é instaurado quando o marido afirma que o “gesto de doação” da esposa não é reconhecido, contudo fazer o “gesto de doação” por causa da devoção (MENEZES, 2004), não necessita do reconhecimento do outro, mas apenas do santo, ou seja, as mulheres não o fazem para serem reconhecidas, mas pela gratidão pelos os pedidos feitos e recebidos.

O que foi explicitado pelo o marido (o meu pai) contrapõe com as práticas que são feitas pelas mulheres quando estão atuando no “movimento” fora da casa. Como já foi mostrado em minhas observações, apresentaram mulheres como aquelas que não se afastam da família na vivência do “movimento”. A família está presente na reza, na conversa cotidiana e sempre que é possível os membros familiares estão presentes nas comemorações festivas, como as crianças, por exemplo. Marina sempre leva a filha, todas as segundas-feiras à noite, para rezar o terço. Ela é a única criança que participa do ritual de oração frequentemente. No final da reza ela costuma recolher os livros que as mulheres utilizam para orar.

A fala também demonstrou que existem conflitos e eles são enfrentados pela mulher que sai para fazer o “gesto de doação”. Tudo isto acontece porque ela encontra críticas por causa da sua forma de trabalhar, neste caso específico ele relatava a sua indignação, porque a sua esposa foi culpada de ter levado o “santo sudário” amassado.

O primeiro ponto tratado pelo marido é que o tempo que é retirado para as atividades, que possuem relação com igreja é visto como um tempo que poderia ser usado para ficar com a família ou para outros tipos de atividades. Há um elo entre esta fala do marido e o fato de Cátia (na história dois não ter conseguido passar um tempo na companhia dos primos que vieram de São Paulo, porque tinha que adiantar as suas obrigações em casa. Contudo, ela só precisou fazer os serviços domésticos antes do previsto, porque era necessário comparecer no encontro paroquial do Terço dos Homens. Em suma, para que a mulher participe do “movimento” ela precisa deixar as atividades domésticas cumpridas, antes mesmo do planejado em algumas situações. Isto demanda mais tempo da mulher, tempo que poderia ser utilizado para outras atividades.

Portanto, é possível ver que a mulher acaba por construir uma rotina atarefada. Ela não consegue ter mais tempo para usar com outras atividades, porque ela precisa fazer o serviço doméstico. O que foi trazido pelo marido precisa de um adendo, porque a falta de tempo também está relacionada com a dupla função da mulher (casa/igreja). Não é só o tempo que é gastado na igreja que impede de realizar outras atividades, mas é por causa do tempo que é gastado com os serviços domésticos e com os “gestos de doação”(o que constituiu a dupla função) que diminuiu o tempo extra da mulher.

O segundo ponto que foi trazido na fala do marido constatou que o espaço da casa é ocupado por preocupações e situações problemáticas que a mulher vivencia atuando dentro da igreja. Desta maneira, na visão do marido, ela não consegue separar estas vivências do espaço da casa. O marido de Cátia disse: “O outro que vem de lá para cá traz aqueles problemas todos com si, porque escutou o que não deve e vai tumultuando”. Podemos afirmar que as vivências dos dois espaços se misturam, pois a mulher estando na igreja leva os problemas da casa e estando na casa leva os problemas da igreja.

Ambas as histórias retratam um momento de tensão em que a mulher tem que decidir como tomar certas decisões diante das situações cotidianas que surgem. Na história um, o conflito foi instaurado porque a missa do dia doze acontece no sábado e neste dia Cátia precisa participar da celebração, como integrante do terço das mulheres de Santa Mônica, mas também como parte da equipe da Sacristia.

Ela saiu de casa muito cedo e antes disto teve que “arrumar o café” para o seu irmão. Após a missa, o trabalho realizado pela Sacristia se estendeu e ela



retorna para casa mais tarde. Chegando lá foi necessário realizar os serviços domésticos o que ocasionou o atraso para outro compromisso: ajeitar as toalhas da igreja. Desta maneira, o conflito que foi instaurado por causa do “santo sudário” só aconteceu, porque a Cátia foi para a igreja de Nossa Senhora Aparecida naquele sábado mais tarde que o costume, às dezoito horas, por isso não houve tempo para que ela retornasse para a casa e lavasse o “santo sudário” no mesmo dia. Vale ressaltar que tudo isto aconteceu, porque Cátia não teve “ajuda” para fazer os serviços domésticos, assim como a necessidade de realizar diversas funções no mesmo dia.

Consequentemente, o conflito aconteceu na experiência de Cátia, porque na sua casa não há uma divisão dos serviços domésticos. A história dois demonstrou uma questão importante: quando é preciso substituir a mulher em suas funções domésticas este papel é dado para outra mulher. Sendo assim, eu entrei em cena para “ajudar” a minha mãe nos serviços domésticos na nossa casa no dia do encontro paroquial do terço dos homens.

Neste dia, entendi como era formulada a hierarquia diante do trabalho doméstico para aquele grupo, através da minha própria convivência familiar. Algumas frases ditas pelas “mulheres do terço” reforçam essa afirmação “se o marido não gosta de janta dá para ver a novela das seis”. “Homem não gosta de ver a mulher fazendo muita faxina não, quando eles são mais novos eles são mais enjoados”. A pesquisa demonstrou que as mulheres concordam com os homens sobre o fato de elas serem responsáveis pelo o serviço doméstico.

### 3.8 A MORALIDADE

Atuando dentro de um grupo, as mulheres vigiam umas as outras de acordo com as regras que elas acreditam ser cruciais. Há dois reguladores principais que aparecem nas suas interações sociais: o padre e o marido (dois homens). Quando o marido é evocado nas frases cotidianas ele retoma toda a questão da casa, a personalidade e o mais importante, o machismo.

No momento que as mulheres do terço falam “vou falar com o seu marido,” “vou chamar o seu marido”, mesmo que de forma jocosa, elas fazem com que a mulher na qual é direcionada a expressão retome o seu lugar de inferioridade em relação ao homem. É o retome da autoridade do lar, do estreitamento da

personalidade feminina de acordo com as convenções tradicionais, ao moralismo. É um retorno para autoridade do homem perante o seu lar, que resgata a sua esposa que neste ponto de vista é tratada como pertencente a ele.

Na circunstância que o padre é evocado na frase, é retomada toda a questão da igreja, da devoção católica e na obediência ao líder espiritual, mas as mulheres do Terço de Santa Mônica costumam dizer “vou falar com o padre” também por questões de âmbitos morais. Dois fatos acompanhados por mim descrevem exatamente o papel do padre e do marido nas relações cotidianas das “mulheres do terço”.

Fato 1 : Na “Rua Principal” do bairro Nossa Senhora Aparecida situam diversas bares e um deles é o Bar do Almir. O Almir costuma trazer alguns cantores de música sertaneja para tocar numa garagem que fica do lado do bar. Como a garagem é pequena a festa se estende para o espaço da rua. Naquele dia eu resolvi parar juntamente com a minha mãe para assistir o show. Alguns minutos depois Dona Celestiana passou por ali e parou para conversar. Depois uma “mulher do terço” chegou e disse: “não posso dançar agora, o meu marido ainda não chegou e ele pode me ver aqui”.

Fato 2 : Na época de carnaval, a Cátia resolveu ir no bloco do “ Cremoso” e passou perto da casa de Imaculada. Ela estava na companhia de Dona Celestiana elas disseram para Cátia “vou falar para o padre que você está indo para o bloco”.

Além das histórias 1 e 2 demonstrarem que há um acúmulo de serviços para a mulher tanto no espaço da casa, tanto no espaço da igreja . Ela também mostrou que a mulher é a opção escolhida para “*ajudar*” nas funções domésticas nas ocasiões em que outra mulher precisa “sair de casa”. Elas também certificam que há uma cobrança sobre a figura feminina e a capacidade de exercer serviços domésticos. Também existe um entendimento que elas possuem mais afinidade para isto, o que explica o motivo pelo qual são feitas tais exigências.

As funções que foram dadas as mulheres do terço de Santa Mônica no Encontro Paroquial do Terço dos Homens foram apenas atividades típicas do ambiente da casa: servir e cozinhar. Como integrante da equipe da Sacristia, Cátia atua na parte de passar e lavar roupas. Nesta perspectiva, podemos dizer que há reprodução da hierarquização que feita no próprio cenário da casa sobre quem deve fazer ou não tais tarefas nos afazeres dentro do espaço da igreja.

A noção de afinidade entre a mulher e as tarefas de cunho doméstico pode ser percebida no instante que a Cátia foi cobrada porquê o “santo sudário” estava amassado. Houve um compartilhamento de significado sobre como uma mulher deve apresentar de forma adequada “aquele pano de linho sacro”. Que deve ser passado com ferro elétrico sem deixar rugas. Dona Celestiana usou esse tipo de percepção (mulher/afinidade com tarefas domésticas) para julgar o trabalho que Cátia tinha feito.

O reconhecimento a partir do ponto de vista que o “santo sudário” estava amassado foi, portanto, motivo de indignação exatamente, porque não se esperava este tipo de comportamento de uma mulher. Essa noção de afinidade também pode ser vista quando eu fui escolhida para substituir a minha mãe nos serviços domésticos, como já foi relatado. Houve uma relação entre a preferência e o fato de ser mulher.

### 3.9 AS CONSEQUÊNCIAS DO “GESTO DE DOAÇÃO”: OUTRO OLHAR SOBRE AS “MULHERES DO TERÇO”

Esse capítulo teve como intuito demonstrar até que ponto os “gestos de doação” feitos pelas mulheres através da “ajuda fora” podem interferir na própria vida doméstica da mulher. Foi necessário descrever duas histórias vivenciadas por mim, onde as relações e interações sociais da minha casa serviram como objeto de compreensão através da descrição da rotina de Cátia, que é a minha mãe. Foi trazido um conceito principal que norteou a discussão: o conceito nativo de “gesto de doação”.

Além disto, foi trazida uma nova formulação da expressão nativa, a partir de agora o termo “ajuda” também representa uma forma de dividir as tarefas domésticas com a mulher. As duas histórias mostraram que há consequências em “sair de casa” para cumprir as atividades do “movimento” ou realizar outros trabalhos na igreja. Essas consequências são reflexos da quantidade excessiva de serviços que são feitos pela mulher, por causa da sua dupla funcionalidade (casa x igreja) espaços que fazem a experiência das mulheres.

Os serviços domésticos são vistos como aqueles que devem ser feitos pela mulher, assim como há um compartilhamento da percepção que a mulher possui

afinidade para isto. Na igreja são dadas para as mulheres funcionalidades típicas que são feitas no ambiente doméstico; como passar roupa, servir ou cozinhar. Diferentemente do Terço dos Homens que realizam tarefas musicais.

A partir da leitura desse capítulo o leitor deve se atentar para dois pontos importantes: **É por causa da devoção (MENEZES, 2004) que as mulheres sacrificam a vida familiar.** O sacrifício implica ceder (Hubert e Mauss, 2017) parte de seu tempo para o terço e a igreja. Mesmo com a “ajuda” de familiares, os conflitos, não deixam de aparecer. Na verdade, o sacrifício é o motor dos conflitos.

O segundo ponto é: **mesmo ocupando o ambiente fora da casa, o espaço da rua, a mulher convive com certo tipo de moralidade reguladora.** Foi possível encontrar uma relação com DaMatta (1997).

O autor propõe que na sociedade brasileira há uma separação radical e autoritária entre duas posições sociais, reais ou teoricamente diferenciadas. “Você sabe com quem está falando?” seria o “Vou falar com o padre”, ou “Vou falar com o seu marido” das mulheres do terço. A única diferença entre a utilização do rito autoritário no dia a dia das “mulheres do terço” é que as mulheres usam o termo não no sentido de resgatar a sua própria autoridade que está ameaçada, como DaMatta (1997) demonstrou no seu trabalho. Neste caso específico a autoridade que está sendo ameaçada na visão das mulheres seria a dos homens que se apresentam na figura do marido e da autoridade da igreja que se apresenta na figura do padre. Em suma, o rito que busca o resgate da autoridade de instituições tradicionais na sociedade brasileira: a família e igreja.

As mulheres que participam do “movimento” vigiam umas as outras. Esta prática pode ser dialogada com a prática de vigiar e narrar mostrada por John Comford (2003). Para o autor, as práticas de observar bem como de comentar, narrar, ironizar ou criticar as movimentações são modos de impelir ou impedir movimentações e associações entre casas, ao mesmo tempo em que contribuem para um autoconhecimento reflexivo das relações em jogo nesse universo social e para a formação de sujeitos morais específicos. Ao vigiar umas as outras e julgarem determinadas ações elas pedem que a hierarquia retorne quando elas acreditam que as mulheres estão ultrapassando a linhas da moralidade ou quando elas acreditam que as mulheres estão ultrapassando os limites das regras católicas que priorizam por mulheres que sabem se resguardar e pautar os seus comportamentos em comportamentos tradicionais.

Sendo assim, o segundo capítulo demonstrou um diferencial em comparação ao primeiro, pois retratou que apesar do “movimento” do Terço de Santa Mônica ser um lugar de sociabilidade para as mulheres que extrapola a casa, é exatamente o “sair de casa” que gera o conflito. O cotidiano da mulher é marcado por inúmeras tarefas de tipo doméstico, das quais nem sempre elas possuem “ajuda”, além de não haver uma divisão coerente dos trabalhos que são realizados por ela em ambos os espaços gerando, portanto, uma sobrecarga na mulher.

As ações da mulher são delimitadas dentro do grupo. As mulheres que fazem parte do mesmo utilizam a prática de vigiar umas as outras. Esta prática é feita nas frases do cotidiano para retomar a hierarquia, da qual a mulher não é sujeito que prevalece. Espera-se da mulher aptidões para serviços típicos do ambiente doméstico, espera-se da mulher que ela seja dona da casa, espera-se que a mulher se comporte como uma mulher casada e temente as regras que elas acreditam ser pertinentes daquela que frequenta a igreja católica.

Em conclusão, a mulher que sai de casa para realizar atividades no “movimento” do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida acaba por gerar consequências no seu ambiente doméstico devido à divisão de papéis que é feito tanto na casa tanto na igreja.

#### 4. A SAÍDA DAS MULHERES DO TERÇO PARA OS EVENTOS FORA

Como foi mencionado no primeiro capítulo, o tipo de organização mobilizada para a realização dos eventos das mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida depende do local em que ele será realizado (dentro ou fora da comunidade). Os eventos “fora da comunidade” são possíveis, porque existe o hábito do “movimento” receber convites para participarem nas missas ou novenas que acontecem em outras comunidades. Os eventos fora da comunidade expressam a prática das comunidades católicas de convidarem umas as outras. Na maioria das vezes estes convites acontecem quando há a realização de novenas em prol de algum santo. As “mulheres do terço” recebem em média de dez a doze convites por mês.

O convite pode ser estendido para outros religiosos, não apenas para os movimentos religiosos como o terço. Pode acontecer também que dois ou mais movimento sejam convidados para participar no mesmo dia. Os convites são feitos através de cartas que são enviadas para a coordenação do “movimento”:

A ideia que está por trás da gente convidar as outras comunidades é que a comunidade não vive sozinha e isolada; a comunidade é ligada a outras comunidades. Então, a gente convida outras pessoas principalmente nas nossas festas para vir e estar conosco. Então, não há ocasião melhor do que a gente convidar alguém para estar na casa da gente do que numa festa. Então, a gente aproveita e convida os movimentos, convida as pastorais, mas, sobretudo os movimentos, porque a gente vê que nos movimentos, por exemplo, o terço das mulheres ou no terço de Santa Mônica e no terço dos homens, a gente vê que tem uma adesão maior, principalmente as mulheres. As mulheres são mais empenhadas justamente por causa disto elas têm mais probabilidade, elas gostam mais de ir de estar junto e isto que nos motiva e cada comunidade quer chamar, porque primeiro se sente bem em receber e porque a comunidade quer se sentir parte do todo e quando a gente recebe alguém, a gente faz parte do todo. Acho que o que está por trás é isto (Padre Welligton, 29 anos).

Figura 9 - As “mulheres do terço” na comunidade de Campo Alegre – Santos Dumont, Minas Gerais.



Fonte: Arquivo pessoal

Através da fala do padre Welligton foi possível entender que as mulheres aderem com mais facilidade os convites para participarem em outras comunidades. Vale mencionar que uma comunidade se mantém viva na medida em que ela realiza convites para outras. É possível entendê-lo como um ritual de hospitalidade. O ritual inicia-se com o convite. Neste caso específico, os atores centrais dessa hospitalidade são o Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida e a comunidade que faz o convite. A comunidade que convida é o anfitrião e o “movimento” se enquadra na categoria do hóspede:

Qual é o ritual da hospitalidade? É uma cena, no sentido teatral da palavra, com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. Seja em casa, na rua, na praça, nas repartições públicas, no ambiente de trabalho, e mesmo nos meios virtuais, o ritual começa com um convite ou como um pedido de acolhimento. Antes de encontro, há o limiar, a soleira da “porta”. Aqui, o hóspede deve hesitar e aguardar o sinal para transpô-la. Em seguida, ele se torna um hóspede na expressão da palavra e como tal é introduzido no espaço do anfitrião (CAMARGO, 2015, p.56).

As mulheres, as que mais se destacam nessas visitas, precisam se organizar para o mesmo. É feito um planejamento para saber se é necessário alugar um transporte. Este planejamento engloba qual transporte escolher para chegar aos locais onde ocorrem as novenas, portanto, devido à necessidade de deslocamento para os eventos fora, elas se planejam com antecedência para alugar uma locação

que pode ser de van ou ônibus. A escolha do meio de transporte depende da quantidade de pessoas que confirmam a presença

A coordenadora do terço tem um caderno. Neste caderno, ela coloca os convites que vai recebendo de outras comunidades. Alana se preocupa em avisar as mulheres nos dias de missa ou de terço sobre os convites recebidos. Um dos meios de comunicação que também facilita a troca de notícias entre as participantes é o *whatsapp*. Alana criou no aplicativo um grupo intitulado de “terço das mulheres” com o intuito de repassar os recados. Há algumas regras de utilização do mesmo, como a proibição de envio de mensagens sobre qualquer outro assunto que não esteja relacionado às atividades do terço.

É muito comum que a coordenadora fique com uma folha de papel na mão ao final da missa nas imediações de uma das portas de entrada da igreja, perguntando às mulheres se elas desejam ir ou não a um determinado evento. Ao confirmar a presença, é necessário que a participante deixe com a mesma uma quantia em dinheiro para o pagamento do transporte. Sendo assim, ela acrescenta o nome na lista e fornece informações sobre o local de partida e horários.

Nas minhas convivências com Alana, fui convidada para recolher dinheiro em sua companhia. Nós chegamos meia hora mais cedo do que as outras mulheres na Rua Joaquim Nunes, conhecida como “Rua Principal”. Ela passava “apanhando” o dinheiro daquelas que não tinham acertado o pagamento.

Pode acontecer das “mulheres do terço” decidirem utilizar os próprios ônibus urbanos que circulam pelos bairros, fazer uma locação de transporte ou até mesmo ir “caminhando”, dependendo da distância que se deseja chegar.

Nesse capítulo descreverei um deslocamento feito a pé para o Tríduo de São João Batista que aconteceu na comunidade de São Batista, no bairro Córrego do Ouro. O motivo desta escolha foi baseado na observação de uma prática nativa. Durante as primeiras investidas do trabalho de campo atentei-me para a para “caminhadas” que os moradores do bairro Nossa Senhora Aparecida faziam. Ela consiste em percorrer a pé até o destino escolhido como, por exemplo, a saída dos moradores de suas casas para ir à padaria. Nesta “caminhada” até a padaria é possível cruzar com vizinhos e conhecidos carregando pães franceses nas sacolas de plástico, andando em forma de duplas ou em trios, mulheres com crianças, idosos com crianças, grupos de crianças sozinhas – acima dos sete anos – e adultos carregando animais de estimação, portanto, ela proporciona uma interação entre os



moradores que se comunicam na medida em que vão se encontrando no espaço da rua e da padaria.

#### 4.1 MULHERES DO TERÇO DE SANTA MÔNICA: A CAMINHADA COMO PRÁTICA DE CONHECER E SE INTERAGIR

Desde que a minha mãe começou a participar do Terço de Santa Mônica e outros grupos da igreja católica ela estabeleceu o costume de estender o convite para mim. Sempre participei dos eventos organizados pela Igreja de Nossa Senhora Aparecida desde a infância. Desta maneira, a minha presença por ali não é tão estranha para as mulheres pesquisadas. Quando iniciei a faculdade e tive que mudar para outra cidade, comecei a visitar a minha família nos finais de semana. Ir à missa de domingo ou ir numa atividade do terço era uma forma de ficar junto com a minha família, basicamente ficar na companhia da minha mãe.

Ela ficou sabendo que as “mulheres do terço” escolheram a “caminhada” como meio de deslocamento para ir ao Tríduo de São João Batista. Em outras ocasiões do meu trabalho de campo, eu já havia percebido como há uma prática nativa de “caminhar” – prática esta que eu havia decidido adquirir para conhecer os atores e o meu campo etnográfico. Logo, fazer “caminhadas” já fazia parte do meu dia a dia de pesquisadora – no qual esse “caminhar” estava relacionado com uma forma específica de se movimentar e circular.

Nas caminhadas o andarilho encontra um vizinho, cumprimenta outro ou para na rua para conversar com mais alguém. “Caminhar” é uma forma de se conhecer e relacionar com os outros moradores e habitantes do bairro e da cidade, como o peregrino de Tim Ingold (2015).

O habitante do bairro de Nossa Senhora Aparecida é aquele que possui um engajamento ativo com os lugares e seres que se abrem ao longo do seu caminho. A “caminhada” é um exercício que gera a experiência do “peregrino” na qual a ação e a percepção estão estritamente ligadas. Trata-se de uma verdadeira forma de conhecimento. Na formulação de Michael De Certeau (2008) a caminhada é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre. Assim como, a apropriação do locutor pela língua, ela é uma realização espacial do lugar, assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua.

Essa história inicia-se ao rés do chão. É ele o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de duas unidades é algo qualitativo, um estilo de apreensão táctil, de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidade. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade (DE CERTEAU, 2008).

#### 4.2 A VISITA DAS MULHERES DO TERÇO DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA NO TRIÓDO<sup>11</sup> DE SÃO JOÃO BATISTA

Fiquei sabendo do convite para participar do Tríduo através de um telefonema da minha mãe. Na época, a minha pesquisa ainda estava voltada para as movimentações cotidianas na Rua Joaquim Nunes, conhecida como “Rua Principal”. Por este motivo, chequei a minha agenda e resolvi estar presente.

O encontro com as mulheres ficou marcado para uma segunda-feira às dezoito horas. Eu e minha mãe saímos de casa por volta das dezessete e cinquenta. O local marcado foi na porta da Dona Celestiana, na “Rua Principal”. Na nossa “caminhada”, encontramos com algumas mulheres que também faziam as suas “caminhadas”. Elas estavam indo para o mesmo destino que nós. Escutei suas vozes e gargalhadas.

A “Rua Principal” é considerada principal, porque se trata de uma via que fornece “acesso”. Na concepção dos moradores do bairro, isto significa literalmente “dar segmento”. “Dar seguimento” ou “dar acesso” são expressões nativas utilizadas para referir à abertura da rua para os bairros/zona, rural/centro, após a construção da igreja. “Dá seguimento” é prosseguir com circulação para as localidades de destino. “Dá acesso”, “passagem” ou “abertura” é permitir o tráfego através da rua, mais do que simples passagem, é uma forma de conexão.

Chegando na “Rua Principal”, uma das mulheres se afastou para comprar refrigerantes nos comércios próximos. Seu objetivo era levá-los como doação. É habitual levar produtos alimentícios ou alimentos como doação para outra comunidade. Isto acontece quando há novenas ou tríduos com o funcionamento de barraquinhas de comidas típicas. As barraquinhas são montadas nos pátios das

---

<sup>11</sup> O tríduo é uma sequência de orações que acontecem no período de três dias.

igrejas ou nas áreas externas ao seu redor. São estruturas de ferro fechadas nos quatro cantos que são retiradas do local após no final da festividade.

No momento que precede a festa as pessoas que trabalham naquela comunidade se reúnem para organizar o funcionamento da solenidade como um todo e isto inclui o levantamento do que é preciso para preparação das comidas a serem vendidas. Na maioria das vezes é feito um pedido para os convidados das outras comunidades para levarem produtos alimentícios ou alimentos que faltam para fechar o cardápio.

No instante que cheguei perto da casa de Dona Celestiana, avistei um grupo de mulheres e a Alana com um celular e uma folha na mão. Elas estavam uniformizadas. A camisa era bege estampada com um terço desenhado em forma de coração, ao meio ficava a imagem da santa protetora delas, a Santa Mônica. Assim que Leila retornou com uma garrafa de refrigerante, iniciamos a “caminhada”.

A Alana perguntou para a minha mãe se ela tinha visto o marido dela que tinha saído para pescar (Alana é minha prima de “terceiro grau” e mora na “vage”). Minha mãe respondeu que não. Ela começou a ficar exaltada de uma maneira que misturava um tom de fala ríspido com algumas piadas, mas o que demonstrou o despontamento com a situação foi quando ela começou a xingar o marido. Outra mulher interferiu dizendo “que isso você não pode xingar o seu marido assim não”. Houve também a concordância desta fala por outra mulher que estava andando do nosso lado.

A “caminhada” estava prevista até a capela de São João Batista no bairro Córrego do Ouro. Fomos, portanto, nesta direção. Leila, conhecida da minha mãe desde a juventude, começou a relatar que até a doença de sua filha “chegar”, ela não estava tão ligada à igreja, mas no final de tudo percebeu que “tudo é Deus”. Leila disse que chorou muito e pediu para Nossa Senhora que curasse a filha, porque ela não conseguia sair da cama. Contando essa história, afirmou que assim que acabou de rezar a filha já estava de pé e se sentia “mais forte”. Minha mãe começou a contar sobre alguns problemas de saúde que eu tinha enfrentado e afirmou para Leila: “Nós fazemos tudo por eles”. Ao usar esta expressão, ela enfatizou o papel de uma mãe e como ele está ligado à necessidade de lutar pelo bem estar dos filhos.

Quase chegando ao Bairro Córrego do Ouro, me deparei com o marido da coordenadora Alana. Seu carro havia estragado e ele estava parado no mecânico.

Alana disse para ele algumas palavras, algo como “muito bonito hein!”. E seguiu “caminhando”. Algumas mulheres começaram a rir daquele acontecimento.

Quando as mulheres disseram que o local estava próximo, percebi que havia outro ponto de encontro. Todas as mulheres pararam ali. Era uma casa, a varanda fechada por grades estava aberta. Avistei uma sala decorada com imagens de santos. Mais de dez mulheres estavam ali dentro rezando o terço. Do lado de fora, mais de quarenta pessoas, juntamente com o Padre Wellington se organizaram ao redor. Vi alguns homens participantes do Terço dos Homens, mas a maioria presente era de mulheres. Descobri que após aquela reza haveria uma procissão. Fiquei parada ali por uns dez minutos.

Como estava na rua, o som dos carros e ônibus misturavam-se com as ave-marias e pai-nossos que eram proclamadas e com as algumas conversas paralelas dos que ali estavam. Perto de mim, havia algumas mulheres que faziam parte do terço e outras que eram apenas da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. Elas estavam conversando sobre quem iria “ler a leitura” na hora da missa. A discussão, portanto, tratava sobre a escolha de quem iria “ler” a primeira e as segundas leituras. O comentário era das duas irmãs, pertencentes à comunidade de Nossa Senhora Aparecida. As responsáveis pela escolha desses leitores iriam ler elas mesmas as leituras, porque nas festividades elas sempre apareciam.

Depois de um tempo, na “caminhada” de volta para casa, descobri uma brincadeira entre elas, elas apelidaram estas duas irmãs de Simone e Simaria, cantoras sertanejas que são irmãs e famosas.

Ainda parada, perto daquela casa avistei o antigo pároco Márcio. Ele iria realizar a missa, juntamente com o padre Wellington. Márcio recebeu o convite para ser “convidado especial” da cerimônia. Neste tempo que passei ali, algumas mulheres estavam o abraçando como maneira de recordar o tempo que ele passou ali na presença delas.

Após a reza do terço, todos aqueles que estavam presentes se organizaram em forma de procissão: filas horizontais acompanhando a imagem de São João Batista e Santa Mônica que estavam em andores (padiola ornamentada em que se transportam imagens sacras nas procissões) enfeitados com flores que seguiam em direção a Igreja de São João Batista.

Todos estavam cantando em voz alta o hino de Santa Mônica. Esse hino é entoado todas as vezes que o terço é rezado. Nesse dia em especial, ele foi cantado, porque era dia de Santa Mônica:

<sup>12</sup>Refrão:

Oh santa Mônica modelo de fé e de oração,  
fazei com que todas as pessoas  
se convertam de coração.

Nasceste em Tagaste com uma missão  
mostrando ao mundo que pela oração,  
com fé, esperança e comunhão  
buscando pra o filho... a conversão.

Foste obediente aos pais e ao senhor  
sabendo viver na alegria e na dor  
guardando as palavras com muito amor  
fazendo seu filho ...da igreja doutor.

O tempo passava e ela insistia  
confiante que a graça de Deus chegaria ,  
rezava pedindo de noite e de dia  
que o filho amado.... se converteria.

Seu filho agostinho desobediente ]  
seu coração batia ardentemente  
sofrendo a dor que só uma mãe sente  
servindo de exemplo ...pra vida da gente.

Todas as participantes entoavam ao andar da procissão: “Oh Santa Mônica modelo de fé e oração fazei com que todas as pessoas se convertam de coração”. O hino retrata a devoção à Santa Mônica e ressalta a necessidade de seguir com fé para a conversão dos filhos, como o exemplo da mesma. A procissão durou cerca de dez minutos. Ela prosseguiu por algumas ruas do bairro Córrego do Ouro sendo seguida de olhares de alguns moradores debruçados nas janelas de suas casas.

Assim que a procissão subiu e virou mais uma rua, conseguiu ver a pequena capela, sua composição naquele espaço era cercada por casas. Antes da sua entrada, mais especificadamente a sua porta entrada, havia uma parte em que o chão era de terra (sem calçamento). Ali estavam montadas as barraquinhas de cachorro quente, pastel, canjiquinha e canjica doce. O que marcou a chegada da procissão foi entoar dos sinos. Aos poucos, as mulheres do terço de Santa Mônica tentavam entrar na igreja que já se encontrava cheia.

---

<sup>12</sup> Letra: Desconhecido. Autor: Desconhecido. Melodia: Edimilson Neli.

Outras mulheres foram entregar os refrigerantes para as organizadoras da festa, mas logo após foram procurar um lugar na igreja para assistir a celebração da missa. Devido o grande número de fiéis em um espaço pequeno, tive que presenciar a celebração da missa, que durou cerca de uma hora e meia, de pé. Após a missa, fui prestigiar, juntamente com as mulheres, as barraquinhas. Havia uma caixa de som que tocava músicas sertanejas. As pessoas se dirigiam para uma barraca, onde se encontrava o caixa, um local para fazer a compra de fichas, pedaços de papel escritos com o nome do prato típico. A utilização delas era a seguinte: a canjica doce custava em torno de dois reais, para comprá-la era necessário se dirigir ao caixa, pagar este valor e em você recebia uma ficha e deveria levá-la para a barraquinha que vende o produto escolhido e fazer a troca.

Comprei algumas comidas, mas não demorei muito. Eu e minha mãe ficamos por ali cerca de dez minutos. Como as mulheres decidiram ir para esse evento “caminhando”, a dinâmica do retorno para casa foi diferente, porque não necessitou de um meio de locomoção. Desta forma não foi marcado um horário de volta, o que acontece na maioria das vezes, em que todas deveriam estar presentes.

Leila perguntou a minha mãe se ela queria ir embora e ela aceitou. Elas começaram uma nova conversa na medida em que observavam as casas. Minha mãe disse que a maioria das casas ultimamente possui grades, porque hoje está tudo tão “perigoso”. Leila também disse que tem medo de ficar em casa sozinha. Enquanto andava com Cátia e Leila outras mulheres apareceram no caminho e Leila foi conversar com elas, pelo o que ouvi, ela estava relatando sobre o caso da filha doente.

Juntamente com a minha mãe, prossegui mais alguns passos. Quando percebi, já estava do lado de Dona Celestiana. Ao prosseguir com ela a “caminhada”, minha mãe mostrou a casa em que sua tia morava. Ainda estávamos no bairro Córrego do Ouro. Dona Celestiana, logo, pediu para que ela explicasse com mais clareza quem era, porque ela conhecia todos os moradores antigos dali. Ela disse que conheceu o meu avô e que ele conhecia o pai dela, assim como também conhecia desde a juventude a minha avó.

Dona Celestiana começou a contar sobre as visitas que ela faz aos doentes. Disse que quando uma pessoa fica sumida por muito tempo da igreja ou está doente, ela realiza uma visita nas casas delas. Ela afirmou como os doentes gostam dessa atitude, porque eles dizem que as visitas ajudam já que eles podem contar

“causos”. Dona Celestiana também informou para a minha mãe que havia um compromisso marcado para o dia seguinte que deveria ser cumprido. Dona Aurora, integrante do Apostolado do Coração de Jesus, outro grupo que minha mãe participa estava fazendo aniversário e resolveu fazer uma comemoração para as mulheres que são participantes dele. Minha mãe perguntou se era necessário comparecer. Dona Celestiana disse que era necessário, porque Dona Aurora enfatizou que queria mais a presença delas do que das filhas.

Quase na saída do bairro Córrego do Ouro, um carro parou na minha direção. Dona Celestiana e minha mãe começaram a conversar com duas pessoas que estavam ali dentro, uma delas era Amanda, ela também trabalha na Sacristia e estava no carro com o seu marido. Eles abaixaram o vidro e trocaram algumas palavras, concluíram fazendo um convite para entrar e tomar um café, já que a casa deles ficava ali por perto.

Quase na descida para a “vage” encontrei com as outras mulheres. Imaculada estava contando histórias sobre sua época de infância e como as coisas eram mais difíceis. Ela relatava que gastava o dinheiro da passagem do ônibus que o seu pai dava para ir para escola comprando pão com mortadela e que depois tinha que ir a pé. As mulheres caíram na risada. Depois desta história, ela iniciou outra dizendo que na escola ela tinha um amigo e o seu apelido era “pinto” e isto gerava grandes risadas. Recordo que após me despedir para seguir outro caminho juntamente com a minha mãe e a coordenadora, Imaculada disse “a gente se diverte muito né?”. Referindo ao tempo que todas passaram juntas. No final do passeio todas as mulheres se despediram e seguiram para as suas casas.

Por ser minha vizinha, a Alana fez companhia para mim e minha mãe até a nossa casa, pois as outras mulheres moram na outra parte do bairro, mais “lem cima”. Neste caminho, ela disse que até ter notícias do marido ela estava sentindo que algo iria acontecer. Minha mãe afirmou dizendo “a gente sente mesmo né”. Ela concluiu a fala dizendo que as mulheres eram muito engraçadas. Despedi-me dela e entrei para a minha casa e terminei, portanto, mais uma “caminhada” com as mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

#### 4.3 UMA ANÁLISE: O QUE FAZEMOS E FALAMOS NOS EVENTOS DE FORA?

Primeiramente devo situar essa análise dentro daquelas que visam às movimentações cotidianas, ou seja, ao escolher analisar as mulheres do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida e seus deslocamentos para os eventos fora da comunidade destaco que o movimento é estritamente relevante. Tanto que foi possível trazer a categoria das “caminhadas” como prática nativa de andar a pé. Sendo assim, busco entender como são formuladas as relações sociais das mulheres ao se movimentarem, embaso a reflexão em Tim Ingold (2015, p. 228):

Os habitantes, então, conhecem conforme prosseguem, conforme atravessam o mundo ao longo de trajetos de viagem. Longe de ser um acessório á coleta ponto á ponto de dados a serem passados para depois de processados transformarem em conhecimento, o “movimento” é ele mesmo a maneira do habitante conhecer.

Portanto, discorrer sobre as movimentações cotidianas das “mulheres do terço” proporciona um entendimento sobre as maneiras pelas quais as relações sociais são produzidas, assim como a forma pelas quais elas geram o seu autoconhecimento de mundo.

Os eventos fora da comunidade serão analisados como uma oportunidade para as mulheres viverem uma vida comum regada de divertimento. Ao trazer a descrição do Tríduo de São João Batista como objeto de investigação foi possível exemplificar um dos papéis que é o objetivo do Terço da comunidade de Santa Mônica: a sociabilidade (“o momento nosso”) tratada no primeiro capítulo.

Desta maneira, serão discutidos na sequência os tipos de sociabilidade que aconteceram no evento que foi descrito, mas também será feito alguns apontamentos sobre os assuntos que foram trazidos nas interações sociais das mulheres enquanto elas participavam do mesmo.

É no contexto das solenidades e festas religiosas e nos deslocamentos para estes locais que tudo acontece. As mulheres “saem de casa” e produzem outras formas de experiência. A fala de Cátia demonstra algumas das interações sociais que acontecem: “Depois da missa geralmente vamos apreciar as barraquinhas, encontramos com varias conhecidas, amigas, colegas de jornada da igreja, batemos um papo, um momento de descontração” (Cátia, 54 anos).

Segundo Costa (2011), a festa popular de caráter religioso alia o sentido solene ao divertimento público, despido da seriedade ritualística. Ela assume um



papel importante na manutenção da solidariedade grupal e no reforço dos laços internos do grupo religioso. Vale ressaltar que o tempo que é retirado para ir a outras comunidades (nas ocasiões em que as mulheres recebem convites para visitar outras comunidades) para missas ou novenas também é um tempo retirado para o lazer.

O primeiro ponto que pode ser retirado da convivência das mulheres no evento seria que ao receber o convite para participar de uma celebração em outra comunidade, as mulheres são vistas como convidadas.

“Nós somos convidadas por uma comunidade para participar da novena ou do aniversário do terço, porque somos mulheres do terço e rezamos para as mesmas causas” (Cátia, 54 anos).

Ao receberem os convites elas precisam seguir alguns pedidos feitos pela comunidade que fez a convocação:

Quando é a aniversário do terço ai nos fazemos geralmente lanche partilhado ai levamos algo para o lanche. Quando é a festa do padroeiro da comunidade ai nos levamos alguma coisa que a comunidade que convida sugere como, por exemplo, macarrão, molho de tomate, refrigerante, papel toalha, copos descartáveis e etc. E muitas das vezes sempre é realizada a missa ai eles pedem alguém da comunidade em geral, aquela que é convidada para atuar, por exemplo, um leitor ou pessoa da acolhida (aquela pessoa que fica na porta da igreja dando boas vindas as pessoas), leitor, ministro da eucaristia ou alguém do dizimo para atuar no ofertório (é aquele momento que você oferta o dinheiro) ou uma pessoa que faça a prece e a munição (o momento é aquele que você faz orações para a comunidade, para as pessoas, para a igreja, o clero e o pais. A munição é o momento antes da missa que você convida as pessoas para participarem da missa e você apresenta o padre e os seus auxiliares. (Cátia, 54 anos).

O que diversifica os tipos de pedidos que são feitos são os tipos de eventos que irão acontecer. A fala de Cátia descreve os dois: a comemoração de anos de atuação de algum movimento e as novenas. O aniversário. O primeiro seria aquele momento de confraternização que “movimento” das mulheres do terço de Santa Mônica é convidado por outro movimento de terço das mulheres de outra comunidade para participar da comemoração de mais um ano de atuação do mesmo. Neste tipo de evento acontecem as missas e a reza do terço. O lanche partilhado é feito no final da celebração. É solicitado para que as mulheres convidadas tragam alimentos para este lanche, quase sempre é um café. Elas levam bolos, biscoitos e pães. Tudo é colocado numa mesa grande, onde cada participante

se serve. Vale ressaltar que na medida em que as conversas são tecidas a comida vai sendo consumida.

O segundo tipo de evento que as mulheres são convidadas seria a novena. A novena é feita para um santo que é padroeiro da comunidade que faz o convite. No dia de novena acontecem missas. O evento descrito sobre o Tríduo de São João Batista ilustra exatamente o tipo de festividade com novena. As mulheres levaram refrigerantes para a doação, assim como Cátia relatou sobre os tipos de produtos alimentícios que são pedidos. A confraternização em dia de novena acontece nas barraquinhas, onde todos os participantes consomem os pratos oferecidos e trocam conversas. A partir das ponderações que foram feitas sobre os dois tipos de “eventos fora”: aniversários e novenas. É importante ressaltar que comer em grupo é uma forma de sociabilidade<sup>13</sup>.

Comer de forma compartilhada entre as religiosas é uma característica das solenidades que as mulheres participam. O tempo que é retirado para alimentar-se também é um tempo retirado para a diversão, na qual surgem outros tipos de interações sociais. Recordo de Imaculada que sempre observava Cátia quando ela estava comendo e dizia: “ta comendo mais?”, “mais uma vez?”. Imaculada se distraía rindo da quantidade de comida que era consumida pelas mulheres. Nestas interações outros temas aparecem: assuntos sobre a saúde e a alimentação e comentários sobre as comidas preferidas.

No momento que nós estamos partilhando o lanche nos estamos partilhando as nossas experiências sobre o “movimento” do terço. Encontramos com outras colegas de outras comunidades que há muito tempo não víamos, é um momento de lazer, divertimos, descontraímos. É um momento de lazer. (Cátia, 54 anos).

De acordo com Cotins e Santos (2008, p.86), sobre as festas do Divino Espírito Santo: “Tudo nessas festas passa necessariamente pelas comidas, bebidas e pela comensalidade”. Através dos autores foi possível entender que a comida pode ser organizadora das festas religiosas, assim como está presente em todos os momentos da mesma.

---

<sup>13</sup>De acordo com Moreira (2010) a alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado. A sociabilidade manifesta-se sempre na comida compartilhada (6; 7).

Outras formas de sociabilidade que acontecem nos “eventos fora” são: as conversas e as brincadeiras. Cátia descreve: “A gente fica conversando, coloca apelido”. As conversas acontecem de forma intensa nos momentos de “caminhada” e de consumo de alimentos, porque conversar na hora da oração não é uma prática bem vista no grupo. George Simmel (1983) faz uma associação entre a conversa e a sociabilidade. Ele retrata que a sociabilidade apresenta o único caso em que a conversa é o legítimo propósito em si mesma, a conversa é a forma mais pura e elevada da reciprocidade.

A frase dita por Imaculada: “a gente se diverte né?” após contar algumas histórias reflete a importância e o reconhecimento sobre o que é considerado divertido. Georg Simmel (1983) quando trata das formas de sociabilidade, mostra que a sociedade nasce nos processos de interação microsociológicos através dos quais se constituem associações dentro das quais os indivíduos que estão em interação têm a consciência disso, essa consciência é também uma das características marcantes do social, em que os indivíduos são conscientes das ações de reciprocidade entre si.

Assim como, as conversas as “brincadeiras” também acontecem no momento da “caminhada” e de consumo de alimentos. Elas podem ser derivadas da conversa, mas nem sempre é dependente da mesma para que ela aconteça. A brincadeira pode ser a ação inicial de uma interação. Para as mulheres “brincadeira” refere-se à situação que envolve algumas mulheres do Terço de Santa Mônica que juntas falam sobre os temas relevantes para elas e fazem provocações umas com as outras sobre histórias já vivenciadas. Cátia descreve sobre as temáticas das brincadeiras:

Brincadeiras do cotidiano, sobre os filhos, sobre nos mesmo às vezes quando agendamos um passeio brincadeiras, sobre corte de cabelo, uma unha, um vestido, ou às vezes quando chega durante o mês a pessoa vai na rua fazer uma compra (Cátia, 54 anos).

Muito parecido com o que Jonh Comeford (1998, p.02) analisou:

[...] brincadeira é o nome dado a um tipo de interação, envolvendo geralmente um grupo mais ou menos extenso de pessoas, caracterizada por incessantes provocações mútuas, aparentemente agressivas (por vezes, aparentemente muito agressivas), e respostas a essas provocações, a propósito de um mote qualquer. O grupo envolvido costuma ser predominantemente masculino e os temas usados como mote para provocação podem ser, por exemplo, a sexualidade, a capacidade técnica ou intelectual, os atributos físicos, um acontecimento qualquer envolvendo um dos participantes, a

posição política (parte da pesquisa de campo foi feita em período eleitoral), e assim por diante Fala-se em voz alta, muitas pessoas intervém ao mesmo tempo, ri-se muito, e alto, há muitas repetições das mesmas frases, com algumas frases tornando-se recorrentes ao longo da brincadeira.

Deve ser mencionado que a diferença entre a brincadeira vivida pelos homens descrita pelo autor e a brincadeira vivida pelas mulheres do Terço de Santa Mônica é que a partir desta nova pesquisa a brincadeira aparece dentro do universo das mulheres, ou seja, o grupo envolvido é predominantemente feminino. É importante salientar que apesar da Cátia não ter citado a sexualidade como tema das brincadeiras e esta temática ter aparecido no grupo masculino analisado por Jonh Comeford (1998) observei brincadeiras deste tipo enquanto estive na companhia das mulheres do Terço. Uma delas aconteceu na “caminhada” de volta para casa após o Tríduo de São João Batista: a história do amigo de Imaculada que tinha o apelido de “pinto” rendeu muitas gargalhadas ao ser associado ao órgão sexual masculino.

Na companhia de outras mulheres, observando as suas saídas para outros eventos, atentei-me para outra brincadeira entre Imaculada, Irene (irmã de Imaculada) e Cátia. A brincadeira consistia em falar que Irene namorava um rapaz chamado “ti põem”. A Cátia e a Imaculada achavam que Irene era “assanhada” é que ela precisava de um namorado que “colocasse nela”, ou seja, que “ti põem”.

No ambiente das “caminhadas” também acontecem conversas que não estão estritamente ligadas à sociabilidade, mas na retomada dos papéis sociais das mulheres e dos homens, temática que foi discutida no segundo capítulo. A mulher aparece como aquela que tem o controle do lar, neste caso dos filhos e do marido.

Quando Alana procurou o marido é exatamente esta função que ela estava cumprindo, no instante que as outras mulheres interferem e dizem como tratar ou não o marido são confirmadas as funções e posicionamentos que elas devem ocupar no seio da família.

Outro papel que é esperado pelas as mulheres é o papel de mãe. A conversa de Cátia e Leila demonstrou que elas precisam fazer de tudo pelo os seus filhos e um dos meios para que isto aconteça é a oração. O fato de Santa Mônica ter rezado por São Agostinho por trinta anos até a sua conversão e ela ser a padroeira do terço das mulheres faz com que a sua história sirva de inspiração para as mulheres no relacionamento dos seus filhos.

Outros assuntos trazidos nas conversas também foram importantes: a segurança e a fé em Deus. A segurança e o medo da perda aparecem nas narrativas de Leila ao conversar com Cátia. Apesar de a pesquisa ter sido desenvolvida numa cidade do interior de Minas Gerais, há uma compatibilidade dessa narrativa com o que foi mostrada na pesquisa de Eckert (2002) em Porto Alegre. De acordo com a autora pensar a condição de viver na cidade atualmente, infere sobre as formas culturais e simbólicas dinamizadas igualmente por sentimentos de medo, insegurança e etc.

Quando a Dona Celestiana conversou sobre a reforma das casas ela trouxe a imagem de Deus como aquele que tudo provê, que tem o seu tempo para resolver todas as coisas. Há uma associação entre os pedidos que se faz a Deus e a forma como eles são resolvidos, é bem visto aquele que sabe pedir, mas que também sabe esperar o tempo de Deus. Neste caso bens materiais (casas reformadas) são conquistadas por aqueles que souberam usar estes atributos. A oração aparece como aquele que é intercessora, é através dela que se fazem os pedidos. Mauss (1909) relatou que a oração preenche os papéis mais diversos: aqui é um pedido brutal, lá uma ordem, noutra lugar um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um elogio, uma Hosana.

No percorrer da “caminhada” foi possível observar uma prática: a produção de um autoconhecimento através da tentativa de construir mapeamentos das relações de parentesco. Num determinado momento, após algumas passadas, Dona Celestiana procurou saber sobre meus avós e onde eles moravam. Recordo das ações de Cátia. Na medida em que ela andava pelo o Bairro Córrego do Ouro, mostrava uma casa, onde morava um parente seu. Jonh Comerford (2003) mostrou essa prática no seu trabalho ao analisar cidades interioranas da Zona da Matta:

Os moradores dessas localidades possuem “mapas” das relações de parentesco em uma região relativamente extensa, produzidos, atualizados e compartilhados em um enorme número dessas conversas pontilhadas de referências genealógicas e de relações de afinidade associadas a referências geográficas, sobre as localidades de origem e residência daqueles aos quais se faz referência, e, como vimos, a reputações. Mais do que “mapas”, talvez seja mais preciso falar em “operações de mapeamento”, em “mapeamentos”, já que não há momentos em que essas relações sejam fixadas oficialmente, mas uma espécie de prática permanente de produção de referências mais ou menos contestáveis, que produzem um tipo de autoconhecimento dessa sociedade (JONH COMEFORD, 2003, p.33).

Em suma, a “caminhada” também serviu para atualizar as mulheres sobre os próximos eventos, como a informação que Dona Celestiana passou para Cátia sobre um convite de aniversário. Ela também serviu de espaço para reforçar alguns preconceitos e conflitos que são construídos para aquelas que oferecerem o “gesto de doação”. As mulheres demonstraram na descrição do evento do Tríduo de São João Batista outros meios para expressarem os seus conflitos diários através de piadas e associações com pessoas famosas, como o caso das irmãs Simone e Simaria, aquelas participantes da Igreja que só gostam de “fazer leitura” nos dias de festa. Nesta perspectiva, as festividades religiosas aparecem como espaços propícios para a coletividade de mulheres do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. É relevante salientar que os deslocamentos através da “caminhada” e a prática de compartilhar e alimentar conjuntamente que são os grandes incitadores na produção de relações dentro desses eventos.

#### 4.4 APONTAMENTOS FINAIS

Esse capítulo demonstrou outra dinâmica vivida pelas mulheres do terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida fora do espaço da casa através da descrição de um “evento fora”: O Tríduo de São João Batista. Após averiguar quais são as problemáticas enfrentadas pela mulher ao “sair de casa” no segundo capítulo. O terceiro capítulo apresentou o que elas fazem ao saírem de casa e da sua comunidade origem. O primeiro capítulo trouxe os objetivos do terço é um deles é a sociabilidade (*homossociabilidade*). O terceiro capítulo, portanto, serviu para exemplificar como é vivida de fato.

O ambiente da festa religiosa é um espaço por excelência para a sociabilidade. As mulheres se organizam, atendem alguns pedidos feitos pelos anfitriões e escolhem o melhor meio para se deslocar. A “caminhada” apareceu como um cenário fértil para que diversas interações sociais acontecessem: foi ali que os papéis sociais (mulheres x família) que foram vistos no segundo capítulo foram reforçados e os mapeamentos de parentesco foram feitos. Foi na “caminhada” que as mulheres fizeram as análises da realidade pautada na fé, reforçando o papel de Deus nas ações.

Em suma, foi plausível apreender que a festa religiosa atua como peça principal na vida religiosa das mulheres do Terço de Santa Mônica da comunidade

de Nossa Senhora Aparecida. As festividades proporcionam diversos momentos, evidenciam os prazeres da vida comum, o divertimento, o reforço de laços entre as “religiosas” e compartilhamento de perspectivas por mulheres que fazem parte do mesmo “movimento” religioso.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como enfoque refletir o “movimento” eclesial do Terço de Santa Mônica da comunidade de Nossa Senhora Aparecida pertencente à Paróquia de São Joaquim e Sant’Ana localizada na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais através do enfoque da sociabilidade. Extrapolando o ponto de vista focado no entendimento do terço num sentido ritualístico.

O terço de Santa Mônica possui dois objetivos: a sociabilidade e a “ajuda”. A sociabilidade foi interpretada através da compreensão de Simmel (1983) e Nascimento (2012). Desta maneira, as “mulheres do terço” vivenciam uma sociabilidade feminina, ou uma *homosociabilidade*, em que o gênero é um demarcador da vida comum. A “ajuda” na visão nativa seria uma colaboração com o bem estar das companheiras de terço, mas também da sociedade. As mulheres fornecem a “ajuda” no sentido espiritual, de bens materiais, na aquisição de direitos fundamentais, ou a “ajuda” nos eventos do Terço dos Homens.

A sociabilidade feminina está ligada a movimentação: a sociabilidade é “movimento”. As mulheres circulam para dentro e fora das comunidades. A comunidade seria uma porção do povo de Deus dentro de um território, mas também faz referência aos santos que contemplam as igrejas dos bairros como, por exemplo, igreja de Nossa Senhora Aparecida da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. A cor da camisa representa as circulações que são feitas: camisa bege (comunidade local) e camisa verde (paróquia).

A festa religiosa e a “caminhada” foram entendidas como o palco para a vivência do lazer. As “mulheres do terço” recebem convites para visitarem outras comunidades (novenas com festas). Elas precisam se deslocar para participar. A “caminhada”, prática de movimentação nativa, foi escolhida como meio de descolamento. As mulheres vivem a *homossociabilidade* na medida em que andam (na “caminhada”) e frequentam os festejos religiosos

A família, a moda, a novela e situações cotidianas que são vivenciadas são os temas das conversas e brincadeiras que marcam a *homossociabilidade*. Como “movimento” o Terço de Santa Mônica possui uma parte organizacional. A coordenadora é escolhida pelo padre de dois em dois anos, contudo foram apresentados alguns conflitos sobre o cargo de Alana.



A coordenadora é vista como a “chefe”. A autoimagem positiva da coordenação é feita quando a reza fica cheia: reza cheia é reza bem vista. Neste sentido, o modo com a Alana coordena é uma maneira de manter o controle. O controle é feito, porque há uma necessidade de saber quem vai ou não na reza, para garantir que ela sempre fique cheia.

Os dois motivos que levaram as mulheres a entrarem no “movimento” foram trazidos sob o ponto de vista de Cátia e Imaculada. Um deles é a possibilidade de ter um horário acessível para rezar. O horário acessível seria aquele tempo livre que não entra em conflito com a agenda de trabalhos domésticos e cuidado com a família. O outro motivo também foi: um horário marcado para rezar pela família e os filhos, ou seja, entrar no “movimento” do terço é uma possibilidade de estabelecer uma rotina de orações para os familiares. Apesar dos motivos individuais é necessário ressaltar que é a devoção (MENEZES, 2004) que mobiliza as mulheres para saírem de suas casas, trabalhar na igreja e participar do “movimento”, existe um compromisso permanente com o santo.

As interações sociais das mulheres possuem uma característica: mesmo estando entre mulheres, num momento de afastamento do espaço da casa não há um distanciamento da família. A família aparece nos temas das conversas, nas brincadeiras. Além disto, é pela família que se reza. A preocupação com o outro também não é suprimida, a “ajuda” é o mecanismo utilizado para este tipo de finalidade. Mesmo fora do espaço da casa as “mulheres do terço” se deparam com a moralidade. Há uma necessidade de retome da mesma que é feito pelas próprias mulheres. A retomada da moralidade é feita nas frases ditas no cotidiano. O padre e o marido são os elementos utilizados nas falas para readquiri-la quando ela esvaece nos acontecimentos do dia a dia.

Existe uma relação dual entre a sociabilidade/“ajuda” e profano/sagrado. O profano está ligado á sociabilidade, ao divertimento e o lazer. A “ajuda” está relacionada ao sagrado e a caridade. Desta forma, é possível conceituar “movimento” como aquele que proporciona um espaço para a mulher fora da casa e uma relação dual entre o sagrado e o profano.

A mulher é responsável pela casa e os serviços domésticos, por isso diversas questões são desencadeadas quando ela decide sair da mesma. No ambiente da igreja e da casa as atividades são distribuídas de acordo com o sexo. Desta maneira, outra roupagem do conceito nativo “ajuda” é incorporado. Dentro do grupo

doméstico a “ajuda” também pode ser entendida como uma assistência para a mulher através de terceiros que desempenham os serviços domésticos que de primeira instância aparecem como tarefas de responsabilidade da mulher. Sendo assim, quando a mulher possui “ajuda” ela consegue “sair de casa” com mais facilidade.

O conceito nativo “gesto de doação” é entendido como uma forma de agradecer a Deus. Ele pode ser feito por meio da “ajuda”. Para praticá-lo é necessário “sair de casa”. Foram mostrados alguns motivos que fazem o conflito acontecer: não há uma divisão do serviço doméstico, a igreja cobra da mulher aptidões domésticas como passar e cozinhar, o que é vivenciado na igreja é trazido para dentro da casa. Motivo pelo qual, o marido reclamou da falta de tempo da mulher para outras atividades.

De maneira geral, a pesquisa demonstrou que as mulheres são responsáveis pela casa e a família. O “movimento” do Terço de Santa Mônica aparece como uma oportunidade de viver momentos fora do ambiente familiar, contudo a mulher não deixa de conviver com cobranças, conflitos, moralidade, a preocupação com a família e o outro, além de encontrar conflitos em casa. Apesar destes aspectos o “movimento” apresenta uma oportunidade de viver a sociabilidade, ou seja, ele é um dos poucos espaços que proporciona o lazer para estas mulheres. Analisando a localidade que elas estão inseridas, acredito que outro local não completaria de forma satisfatória esta função. Sendo assim, como nativa, compreendo perfeitamente quando as “mulheres do terço” dizem que um dos objetivos do terço é a sociabilidade.

Sintetizando, a pesquisa contemplou uma das diversas facetas que o “movimento” eclesial do Terço de Santa Mônica pode ser entendido e a sociabilidade é uma delas. Não houve uma preocupação de entendê-lo a partir de uma totalidade. Os dados do trabalho de campo me direcionaram para os pontos que foram estruturados na dissertação. Existem outras questões que podem ser abordadas futuramente. O Terço de Santa Mônica também pode ser compreendido de forma comparativa com o Terço dos homens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, ou através das celebrações do Maio com Maria. Vale ressaltar que o tema da “ajuda” e da sociabilidade são mais extensos. A dimensão deste trabalho não comportaria uma descrição das dinâmicas de cada evento que as mulheres participam ou das pessoas que elas ajudam. O “movimento” não para, enquanto escrevo esta

conclusão, elas estão rezando em alguma residência pelos os doentes, afinal, elas são mulheres que saem de casa, mas não se esquecem dos outros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos pagu**(31), [S. l.], 22 maio 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a21.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2019.

BIGOSSI, Fabiela. Envelhecimento e religiosidade: a sociabilidade construída através da fé. In: **Revista Nures**, Ano X, 27, maio-agosto, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes da Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981

BRITO, Jacinto Dom. **Maio com Maria: Quem é esta mulher?**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, mai., 2015.

DE CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis. Vozes, 2008.

COMEFORD, John. **Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: relumeDumará : Núcleo de Antropologia da Política /UFRJ, 2003.

COMERFORD, Jonh. **Desculpe a Brincadeira: a construção social da amizade e suas modulações em um grupo de trabalhadores rurais**. In: Encontro Anual da ANPOCS, 1998, Caxambu/MG. Encontro Anual da ANPOCS - Resumos, 1998.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa de santo na cidade: notas sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém do Pará. **Cienc. Hum.**, Belém, v. 6, n. 1, p. 197-216, jan- abr, 2011.

ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre, em M. C. de S. Minayo e C. E. A. Coimbra Jr. (orgs.), **Antropologia, Saúde e Envelhecimento** (coleção Antropologia e Saúde), Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 73-102, 2002.

FONTES, Hênio Pereira. A prática votiva. **A Prática Votiva Expressa na Relação Devoto-Santo no Catolicismo Popular: Um estudo sobre os ex-votos do Santuário de Nossa Senhora da Penha**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/%C2%B4%C2%B4A-PR%C3%81TICA-VOTIVA-EXPRESSA-NA-RELA%C3%87%C3%83O-SANTO-DEVOTO%C2%B4%C2%B4-Henio-Pereira-Fontes.pdf>. Acesso em: 15/05/2019

FORTES, Meyer. O Desenvolvimento do grupo doméstico. Tradução, por Alcida Rita Ramos, **da Introdução a The Developmental Cycle in Domestic Groups**, organizado por Jack Goody, Cambridge Papers in Social Anthropology, n.1, Cambridge University Press, 1958, pp - 1-14. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/pdf/serie-traducao/st%2005.pdf>> Acesso em: 25/04/2019.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v. 10, n.1. Lisboa, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Márcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste; v. 7).

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss e Henri Hubert sobre o sacrifício**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017. Disponível em: <http://cdn.ubueditora.com.br/trechos/sobreosacrificio.pdf>. Acessado em: 20/05/2019

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre “movimento”, conhecimento e descrição**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LOPES, Noêmia de Fátima Silva et al. Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, MG, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/ojs/RCH/article/view/3471>>. Acesso em: 22/03/2019.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. **Soc. estado**. Brasília, vol.26 no.3, Sept./Dec,2011.

MAUSS, Marcel. **A oração: Introdução Geral**. Tradução da 'Introdução Geral' do livro de Marcel Mauss, La Prière. Paris, Félix Alcan Editor, pp. 744-788 1909. Disponível em: <https://tendimag.files.wordpress.com/2016/08/marcel-mauss-a-orac3a7c3a3o-1909.pdf> Acesso em: 22/04/2019.

MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2004.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos histórico e antropológicos. **RevSocBras Progresso Ciênc**; 62(4):236, 2010.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Homem com homem, mulher com mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás. **Cadernos pagu**, [S. l.], pp.367-402, julho-dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n39/13.pdf>> Acesso em: 21/02/2019.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e Ciências Sociais no Brasil. In: **Revista Sociedade e Estado**. Brasília: Scielo, vol.26. n.3, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269922011000300006&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922011000300006&lang=pt)> Acesso em: 14/04/2019.

OLIVEIRA, Paola Lins. “Desenhando com terços” no espaço público: relações entre religião e arte a partir de uma controvérsia. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n. 14, pp. 145-75, set. 2011.

RIBEIRO, Nádia Oliveira. **O novo olhar sobre a cidade: uma perspectiva histórica da antropologia urbana no brasil**. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SIMMEL. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal, In: **Sociologia**. 1º e.d. São Paulo: Ática, pp. 66-181, 1983.

VASCONCELLOS, Max. **Vias Brasileiras de Comunicação**, 1928.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

WOORTMANN, Klass. Casa e família operária. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro/Fortaleza, Tempo Brasileiro/UFce, V.5, n.1, pp.119-150 1982.